ANO 34.º QUARTA-FEIRA, 9 DE MARÇO, DE 1955 N.º 11.587

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Cesário Verde, poeta de sempre

Era ainda bem novo, quando me foi dado «encontrar» a poesia de Cesário Verde. Estudava literatura portuguesa sob a direcção do mais compreensivo e afectuoso professor de tantos que tantas coisas me ensinavam, o dr. Mendes dos Remédios Mas, como não podia deixar de ser, as lições versavam sobre as obras primaciais dos autores antigos. Um dia, por feliz acaso, o «Livro de Cesário Verde» veio parar-me ás mãos. Ou antes, vi-o no mostruario de um editor de Coimbra, e comprei-o — e li-o sem demora. Fiquei maravilhado. Comuniquei esse deslumbramento ao meu amigo e mestre. Logo este aplaudiu o entusiasmo que eu lhe manifestava. Devo, porém, confessar que se acaso se verificasse o contrário, não aceitaria a menor restricção ou censura ao meu espontaneo sentimento de admiração pelo forte, original e amorável lirismo de Cesário. Sentia-me conquistado por quanto havia de «novidade permanente», de perene modernismo na obra do poeta, de Lisboa — assim é costume chamar-se-lhe agora — mas também poeta de sempre humanissima e universal emoção da vida, um dos precurssores incontestáveis da poesia portuguesa de ontem e de hoje. Traçou rumos e abriu sulcos, irradiou frémitos e trouxe efluvios que se respiram, que se alargaram e alargam, a cada passo, na própria obra de vates e bardos da actualidade.

Que preciosa oferta de beleza e de ineditismo colhemos e recolhemos afinal no «Livro de Cesário Verde»? Esta oferta rara e generosa de uma poesia que sublimou as realidades da existência, não a repelindo nunca, mas, sem

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

O actor Clark Gable tomou, recentemente, parte num passeio a cavalo pelo deserto de Palm Springs e Foothills, com o grupo local conhecido pela designação romantica dos Cavaleiros do Deserto. Aqui vemos o velho galã do cinema, com a sua indumentária própria para a jornada, na companhia de Kay Spreckels, recem-divorciada, para quem a aventura parece ter tido também o seu interesse... sobretudo com tão célebre companheiro...

Continua a história (fundada ou suposta ?) do romance de amor da princesa Margarida

LONDRES, 9 — Uma parte da Imprensa londrina dedica, ainda hoje, largo espaço aos projectos de matrimónio que o rumor publico, há já alguns dias, atribui á princesa Margaret.

Imitando o «Daily Minror», que ainda ontem publicava uma entrevista com o coronel Peter Towsend, três jornais—«Daily Sketch», «News Chronicle» e «Daily Herald»—apresaram-se a enviar os seus correspondentes junto do adido do Ar britanico em Bruxelas.

Ao enviado do «Daily Sketch», que o interrogava sobre as circunstancias da sua nomeação para a embaixada britanica na capital belga, o antigo «ás» da R. A. F. declarou: «Já não sei se pedi este lugar ou se ele me foi fixado. Vim porque a situação se tornara impossivel para nós dois e, sobretudo, para ela». O jornal, que publica esta entrevista em primeira página, com um titulo enorme, diz que o coronel não mencionou o nome da princesa, contentando-se sempre em dizer «ela».

«Compreende-se que eu não possa responder a questões pessoais. Não sou eu que devo responder»—acrescentou o coronel ao correspondente do «Daily Sketch». Este interrogou-o sobre o futuro da sua carreira, ao que ele respondeu:

«A minha carreira, agora, já não tem importancia. Pensei, outrora, mas agora...».

As entrevistas publicadas pelos outros dois quotidianos nada acrescentam ao «Daily Sketch». O correspondente do «Daily Herald» esclarece, no entanto, ter o coronel Towsendl declarado não pensar que pudesse ser chamado a Londres, num futuro próximo.—(F. P.).

O anacronismo salta logo á vista: a velha tipoia que ainda se encontra nas imediações de Central Park, em Nova York, parece mais desactualizada ao lado do ultimo modelo do «Futura», o carro revolucionário que a Ford lançou e que é conduzido pelo próprio Benson Ford, neto do famoso multimilionário. As linhas aerodinamicas deste automóvel foram inspiradas em dois monstros marinhos que vivem nas grandes profundidades oceanicas. O contraste mostra a distancia que o homem percorreu em cinquenta anos

O emprego eventual da arma atómica contra a China numa guerra de carácter geral foi a nota saliente do discurso de Dulles

WASHINGTON, 9.—No seu discurso á nação americana, pronunciado, ontem á noite, poucas horas depois de sir Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, ter feito um apelo a todas as partes, no Extremo-Oriente, para renunciarem ao uso da força, o secretário de Estado, Foster Dulles, não deu mais esclarecimentos sobre as intenções exactas dos Estados Unidos relativamente ás ilhas Quemoy e Matsu do que os conhecidos em alocuções precedentes. A aparente ambiguidade da posição americana, permanece intacta: os Estados Unidos limitam-se a declarar que defenderão as ilhas costeiras contra um ataque comunista, se o presidente, no seu critério, considerar que tal ataque constitui o preludio de uma ofensiva contra a Formosa. No entanto, pela primeira vez, o chefe da diplomacia americana sublinhou o duplo aspecto do problema da Formosa: politico e militar.

Quanto ao primeiro, os Estados Unidos res-

(Continua na ultima página)

O êxito parlamentar alcançado pelo chanceler Adenauer não significa que aumentasse a sua popularidade na Alemanha

O Parlamento da Alemanha Ocidental ratificou, por uma sólida maioria, os acordos de Paris. Os protocolos sobre o Sarre foram igualmente aceites por ele. Mas, como era de esperar, o numero de votos favoráveis a estes ultimos foi muito menor. De qualquer forma, o chanceler Adenauer pode cantar vitória. Os deputados liberais que fazem parte da coligação governamental não aceitaram todos a tese oficial. Apesar disso, alguns deles que se contava votassem contra, deram-lhe os seus votos, não seguindo as directrizes lançadas pelo chefe do Partido Liberal-Democrático, dr. Dehler. Este opunha-se, intransigentemente, aos protocolos do Sarre.

A batalha foi dura. Seria, porém, menos prolongada e os debates seriam menos agitados, e até mesmo menos tumultuosos, se não fossem as retransmissões pela rádio e pela televisão. Nesse caso, os discursos não teriam assumido a importancia que lhes atribuiram. Para bem das instituições parlamentares há motivos para lamentar essas retransmissões de quatro dias de discussão. Alguns oradores falaram

(Continua na página seguinte)

Os problemas do Porto (2)

Entre os «problemas» que afligem o Porto há sem duvida um que a todos sobreleva e domina. Quando se reuniu pela primeira vez, neste ano de 1955, a nova vereação municipal, tal problema foi mais uma vez posto em foco em termos candentes pelo vereador, prof. dr. Correia da Silva: «*Não é novidade para ninguem dizer que uma parte numericamente importante da população desta cidade se encontra alojada em condições deficientissimas e que muitos centos, para não dizer muitos milhares, vivem em condições infra-humanas de alojamento*».

Com estas palavras claras, precisas

(Continua na 11.ª página)

Outro porta-aviões gigantesco para a Marinha americana

WASHINGTON, 9. — Iniciar-se-á, este Verão, no estaleiro naval de Brooklyn, a construção de um quarto porta-aviões americano gigantesco, o «Independence», que custará cerca de 189.311.000 dólares, inferior em cerca de 11 milhões ao de «Ferrestal», o primeiro dos porta-aviões de 60.000 toneladas — anunciou a Marinha. — (R.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Dulles será interpelado no Senado americano sobre os documentos de Yalta

WASHINGTON, 9 — «O «comité» politico republicano do Senado decidiu interrogar Foster Dulles sobre a publicação dos documentos diplomáticos relativos á Conferência de Yalta e mantidos, até agora, secretos—declarou o senador Styles Bridges.

O Congresso—acrescentou—votou 110.000 dólares de créditos, com vista a essa publicação, mas sir Winston Churchill ter-se-ia oposto a que certos documentos fossem publicados». Várias personalidades do Partido Republicano tinham, várias vezes, criticado as decisões tomadas em Yalta pelo presidente Roosevelt, por Churchill e Estaline.

Segundo essas personalidades, as potências ocidentais teriam feito, durante essa conferência, importantes concessões á U. R. S. S. em troca do seu auxilio na guerra contra o Japão. «Mas temos esperanças—concluiu o senador—de que esses documentos poderão, finalmente, ser publicados».—(F. P.).

Cesário Verde

(Continuação da página anterior)

nunca a abandonar ou, melhor, «anexando-a» intimamente, a iluminou e transfigurou para além da sua aliás visivel e familiar presença. «Ser natural», *escreveu Silva Pinto, era a grande preocupação do poeta. Ser natural, como? Não pela banalidade de temas e expressões, de certo. Antes, sem duvida, pela simplicidade, que dificilmente se atinge. Pela sobriedade, que só os espiritos superiores apreciam e usam. Pela discrição e pela reserva, que só os corações legitimamente nobres e nobremente orgulhosos conhecem e adoptam.*

Columbano, o insigne Columbano, que pintou o impressionante retrato de Cesário que ninguém ignora — creio eu — explicou-me uma vez o género de «naturalidade» *a que se referia a frase citada de Silva Pinto, descrevendo-me a fleugma britanica do poeta, a sua preferência em vestir fatos de corte prático e amplo, á maneira de Ramalho Ortigão, e a aparente frieza da sua convivência. Frieza voluntária, pudor de alma sensivel. Uma noite, contudo, estando ambos em Paris, Cesário obrigou o pintor e amigo a acompanhá-lo e a sentar-se á mesa de um «café», em lugar de onde se avistava a porta de certo teatro. Não revelou porquê nem para quê. Sentou-se e esperou. E o que esperava Cesário? Lobrigar, contemplar de longe a figura de Vitor Hugo, que se sabia ter ido a esse teatro. Apenas isso, nada mais pretendia. Se porventura alguém tentasse apresentá-lo ao glorioso confrade, Cesário fugiria. E, não obstante, uma chama, uma ardentissima labareda de devoção hugolatrica o levava ali. Ocultava-as no entanto. Não a confessou senão á ultima hora, e quase envergonhado então. Era esta, em suma a* «naturalidade» *de Cesário:—nunca ser retorico, nem exagerado, nem violento, nem menos equilibrado na sua vida, na sua poesia, na sua arte. Varonil e delicado, em tudo o que sentia, pensava, amava e praticava.*

A Camara Municipal vai inaugurar em breve o busto de Cesário no pequeno e simpático jardim que tem o seu nome. Justa homenagem, consagração necessária. Honra lhe seja. Não se olvide, porém, que a todos, em Portugal, cumpre associar-se a ela. E lembre-se sempre que, no ambiente poético dos nossos dias, continua a respirar-se, a aspirar-se o fino e persistente adejar dos polens de emoção e de verdade que se evolam, imponderáveis, mas constantemente multiplos e vivazes, do «Livro de Cesário Verde». *De tal modo evoquei a memória do Poeta, e da obra, que nos legou, em singela palestra pronunciada em 1926, na Sociedade de Belas-Artes, e aqui deponho outra vez esse modesto preito junto do monumento que as recordará á população, por demais distraida e desatenta, de Lisboa.—J. de B.*

A popularidade de Adenauer

(Continuação da página anterior)

mais para a galeria do que para servirem a sua causa. Por vezes, os seus discursos pareciam alocuções eleitorais e não exposições de factos destinados a convencer o auditório.

Depois desses quatro dias, é legitimo perguntar quem escutou mais apaixonadamente os argumentos invocados, se foram os parlamentares ou o publico. O exemplo dado em Bonn parece-nos convincente. Só há vantagem em não retransmitir os debates parlamentares nos quais a complexidade dos problemas discutidos se sobrepõe á opinião que cada individuo faz deles.

Os membros do Bundestag tiveram de mostrar grande coragem ao tomar a sua decisão

A Alemanha é um país onde a liberdade de acção politica — no sentido em que esta expressão é entendida nos países ocidentais — resultante das decisões tomadas pelos parlamentos possa comprometer o futuro na nação inteira, dadas as suas caracteristicas de decisão tomada em publico.

Que pensará um espectador da televisão que vê um hemiciclo vazio, enquanto um deputado fala sobre problemas da maior importancia? Não conhecendo os meandros da vida parlamentar nem as circunstancias locais que influem na marcha dos debates é levado a criticar os deputados ausentes e a dizer: «Para que venho eu ao écran da televisão ou ao receptor da rádio ouvir um individuo que os seus próprios colegas não ouvem?

Nada disto significa desrespeito pelos debates no fim dos quais o parlamento de Bonn assumiu as suas responsabilidades. Aos membros desse parlamento foi necessário ter certa dose de coragem para afirmar a sua fé no rearmamento com as suas consequências. A mesma coragem revelaram os que disseram não a uma politica que deu novamente á Alemanha a sua liberdade de movimentos. Neste debate capital para o presente e para o futuro da Alemanha, é justo dizer que nenhum dos membros do Bundestag se pronunciou sem pesar bem os prós e os contras da sua decisão.

E' grande o perigo de confirmar a separação das duas Alemanhas. Tudo indica que, uma vez ratificados os acordos de Paris, os dirigentes soviéticos não queiram mais falar sobre a sua unificação. Pelo menos vai ser assim durante muito tempo. Resta a possibilidade de aceitarem e mesmo de pedirem, em vez de uma reunião dos Quatro, uma reunião dos Seis, em que estejam presentes os representantes das duas Alemanhas.

A decisão tomada em Bonn suscitará uma viva reacção na Alemanha Oriental

Uma coisa é certa: a decisão tomada em Bonn suscitará uma viva reacção na Alemanha Oriental. Os comunistas alemães convocaram logo uma reunião do seu parlamento. Embora se não tenha revelado a natureza das decisões tomadas é quase certo que vão agravar-se as dificuldades de comunicações entre os diversos sectores de Berlim, e que a Alemanha Ocidental terá de suportar as consequências desse facto.

Entretanto os dirigentes sovieticos esperarão que os acordos de Paris sejam ratificados pelos parlamentos de todos os países interessados, incluindo a França para adoptarem as medidas que têm em vista e associar definitivamente a Alemanha Oriental, ao sistema das Republicas populares. Os dirigentes deste país receberão, ao que parece, instruções para anunciar que a sua actual fronteira representará, de futuro, a linha de demarcação entre as antigas zonas de ocupação hoje transformadas em esferas de influência dos dois blocos opostos, e nesse caso passam a exigir a todos os alemães que queiram entrar em Berlim o cumprimento das formalidades legais correspondentes. A Alemanha Ocidental passaria a ser para a Alemanha Oriental um país estrangeiro que seria necessário, mais cedo ou mais tarde, reconhecer pela via diplomática normal.

As dificuldades de transito entre Berlim e a Alemanha Ocidental vão agravar-se. E' possivel que tenham sido já tomadas nesse sentido medidas extraordinárias. Mas os Russos esperarão, certamente, que a questão da ratificação dos acordos de Paris se esclareça para definirem a sua posição em relação ao futuro da Alemanha.

A estes riscos há que juntar os deveres que a Alemanha Ocidental contraiu, especialmente, em matéria militar. A população alemã Não é de forma alguma favorável, á criação de um Exército novo. Só se resolveu a aceitá-lo contra vontade.

O êxito que o chanceler Adenauer alcançou no Bundestag não significa que tenha aumentado a sua popularidade. As dificuldades que vão complicar a vida do Governo federal são numerosas e é possivel fazer ideia delas depois de escutar os oradores do partido liberal que falaram no debate da ratificação. Essas dificuldades não contribuirão para pacificar os espiritos depois de um debate acalorado, como aquele que acaba de se travar.

JEAN HEER

Favorável ambiente

para a intensificação do comércio luso-americano

WASHINGTON, 9.—Pode dizer-se que se tem coroado do maior exito a missão que trouxe aos Estados Unidos o sr. António Santos Mendonça, delegado da Camara de Comércio daquele país em Lisboa e que lançou na Imprensa americana o «slogan»: «Portugal é um País em boas condições para comprar e vender que não pede dinheiro, mas que solicita que lhe comprem mais para que venda mais». As mais destacadas individualidades oficiais e particulares têm dispensado o mais vasto interesse a esta missão, pelo que o delegado português encontrou em todas as muitas cidades que visitou, de costa a costa, favorável ambiente para a intensificação do comércio luso-americano.

Procurando salientar as vantagens de um comércio amigável entre os dois países, visto que os produtos portugueses se caracterizam pela sua qualidade, mais que pela quantidade, facto que não poderá afectar a economia americana, o delegado português avistou-se com numerosas individualidades americanas, incluindo membros do Congresso e do Senado, e teve reuniões com entidades e directores dos serviços aduaneiros, os queis concordaram na necessidade de que os barcos portugueses passem a visitar os E. U. com maior frequência numa permuta mais intensa de produtos com Portugal e o Ultramar português.—(Lusitania).

NOTÍCIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 7.—Na igreja matriz desta freguesia, começaram, aos domingos, á tarde, os sermões quaresmais, que atraem áquele templo grande numero de fiéis.

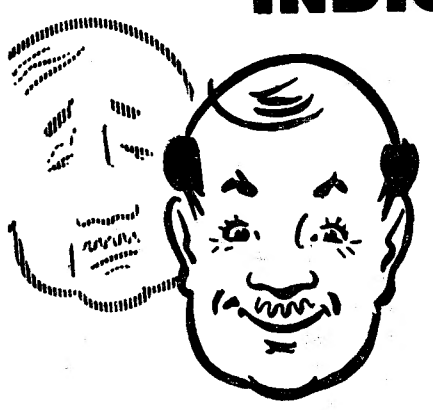
—Encontra-se quase concluida a primeira Casa do Património dos Pobres desta freguesia, no lugar da Maceda, pelo que vai inicira-se ainda esta semana a construção, no mesmo lugar, e junto daquela, de mais duas casas gémeas, para o mesmo fim.

—Terminaram os trabalhos referentes á electrificação da Avenida do Monte e da praia da Torreira, deste concelho, obras levadas a efeito pela Camara Municipal—Serviços municipalizados—em regime de comparticipação do Estado.

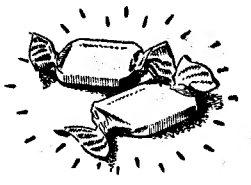
—A região está sob uma vaga de frio. Embora desaparecessem o vento e a chuva, o frio é muito grande.

Restaurante Maioral
CALDEIRADA A' RIBATEJANA
Especialidade do Maioral
Telefone 150—Vila Franca de Xira

INDIGESTÃO?



As Rennie dão-lhe alívio instantâneo



A indigestão manifesta-se por dor ou enfartamento. Para alívios rápidos chupe duas *Rennie*. Os ingredientes anti-ácidos dissolvidos pela saliva, ao chegarem ao estômago estabelecem o equilíbrio e acabando com o incómodo. Se não conseguir alívios com *Rennie*, procure o seu médico. Vende-se nas farmácias em pacotes de 100 e 25.

PASTILHAS **RENNIE**

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Temporada de Opera do ano de 1955

Amanhã, dia 10, quinta-feira, ás 21.15 horas em ponto — Estreia da **Companhia Italiana** com a ópera de **G. Rossini**

MOISÉS

com **Giulio Neri, Caterina Mancini, Myriam Pirazzini, Elda Ribetti, Francesco Albanese, Plinio Clabassi, Antonio Pirino, Piero de Palma** e **Vito Susca**

Solistas de baile: **Violette Quenolle** e **Francis**
Maestro-Director: **Bruno Bartoletti**

Dia 13, Domingo, ás 16 e 30 horas — Tarde Cultural com a ultima récita da ópera de G. Rossini

MOISÉS

Bilhetes á venda para todos os espectáculos — Telef. 21552

SIM MINHA SENHORA!

OS PUDINS

CHOCOLATE
CARAMELO
BAUNILHA

e FLAN

DAWA

SÃO DELICIOSOS E MUITO ECONÓMICOS!

É VERDADE!
São uma delícia, agora já não querem outro sobremesa!

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

PROCESSO PARA JUIZO—A Policia Judiciária enviou ao Tribunal da Boa-Hora um volumoso processo em que é queixoso o sr. João da Silva Godinho e arguido Agapito Seoane Carbacho Vitorino, que se encontra a cumprir pena por outros delitos na cadeia do Porto. Agora, é acusado de se fazer passar por proprietário dum estabelecimento de que era apenas fiel depositário, conseguindo apanhar a quantia de 45 contos ao queixoso, que dizia ser para desenvolver o seu negócio.

ROUBO NUM AUTOMOVEL—O advogado sr. dr. Eduardo de Oliveira Martins, residente na Avenida António Augusto de Aguiar, 118, 5.º, queixou-se na Polícia de que, tendo o seu automóvel estacionado perto da sua residência, os gatunos arrombaram uma das portas e roubaram uma máquina fotográfica no valor de 9.500$00.

FICOU SEM DOIS DENTES—Foram presos por se envolverem em desordem num estabelecimento da Calçada da Ajuda, Aires de Sousa Campos, de 46 anos, solteiro, carpinteiro, residente na Vila Pouca, 3, 1.º, á Pimenteira, e João Silvânio Ferreira, de 42 anos, solteiro, marítimo, residente na Rua da Fábrica da Pólvora, 18, porta 11, desordem da qual resultou o primeiro ficar com dois dentes arrancados e outros ferimentos.

PELOS HOSPITAIS

VIAÇÃO PERIGOSA—Na ocasião, em que passava em Brejos—Azeitão—no seu automóvel, que conduzia, chocou com uma ponte, o sr. Luís Faria Godinho, de 44 anos, construtor civil, residente na Praça das Aguas Livres, 6, r./c., que ficou gravemente contuso no peito. Conduzido ao Hospital de S. José, ficou internado na sala de observações.

DESASTRE NO TRABALHO — Em Santa Apolónia, desabou uma parede, que atingiu o servente de pedreiro Evangelista Machado, de 42 anos, residente na Rua de Arroios, 173, 3.º, que se encontra, muito contuso, na sala de observações do Hospital de S. José.

Tribunais

A herança de José Relvas

Na 2.ª vara civel do Tribunal da Boa Hora, sob a presidência do corregedor, sr. dr. Manuel Ribeiro, prosseguiu esta tarde a inquirição das testemunhas referente á acção movida pela Camara Municipal de Alpiarça contra o sr. Augusto Lopes Joly, a quem acusa de não ter restituido áquele município os bens deixados em testamento pelo lavrador José Relvas.

A sala do tribunal encontrava-se repleta de habitantes de Alpiarça e seus arredores. Entre outras, figuravam para depôr hoje o deputado dr. Carlos Borges e o dr. Herminio Paciência, médico em Alpiarça.

O sr. dr. Carlos Borges, interrogado pelo patrono da Misericórdia de Alpiarça, sr. dr. Sá Nogueira, disse que o testamento de José Relvas foi feito de conhecimento e aprovação de sua mulher, acrescentando que podia fazer esta acusação categórica, porquanto, sendo advogado do casal, conviveu com eles na intimidade, conhecendo bem o que se passava. Disse ainda saber que José Relvas expulsou de sua casa o sr. Augusto Lopes Roly, e que este pretendeu aproximar-se daquele, dias antes de morrer, tendo José Relvas encarregado o prof. Mendes Correia de lhe dizer que se retirasse.

A testemunha passou depois a ser instada pelo sr. dr. Carlos Olavo, patrono daquele professor, testamenteiro do falecido. Disse que a sr.ª D. Eugénia Relvas, durante a sua vida, declarou sempre expressamente a sua vontade, de respeitar e cumprir a vontade do marido em relação á parte que ele destinara á Camara Municipal de Alcobaça.

Ao fim da tarde, começou o depoimento do sr. dr. Herminio Paciência, que é genro do sobrinho do antigo rendeiro da Quinta dos Patudos. A' noite, a audiência será interrompida para prosseguir no próximo dia 16, pelas 14 e 30.

Julgamento dum cauteleiro

No 2.º Juizo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do corregedor,, dr. Simões de Carvalho, respondeu o cauteleiro António Justino, natural de Coruche, a quem o Ministério Publico e a firma «Pão Quente», do Rossio, acusam de, durante o ano de 1947, ter recebido desta casa jogo de lotaria do Natal no valor de 21.660$00, que não entregou.

Foi pronunciado pelo crime de abuso de confiança. O reu declarou que foram os ladrões que o assaltaram, em Benavente, na madrugada de 23 de Dezembro do mesmo ano, quando se dirigia a Lisboa a fim de prestar contas á firma queixosa.

O tribunal deu a acusação como provada, com algumas atenuantes, pelo que o cauteleiro foi condenado em 14 meses de prisão correccional, suspensos por três anos, com a condição de pagar 17.500$00 no prazo de 18 meses, e mil escudos de imposto e 500$00 de procuradoria.

DE LUTO

Dr. Raul Manuel Teixeira

Dr. Raul Teixeira

Em Bragança, de onde era natural, faleceu ontem, inesperadamente, o sr. dr. Raul Manuel Teixeira, director do Museu Regional Abade de Baçal, que gozava de grande prestigio naquela cidade e cujo nome era bem conhecido de todos os artistas portugueses, pois dedicou sempre especial carinho aos problemas de arte, sendo um conhecedor inteligente e um crtico arguto, além de um escritor de grande mérito, que podia deixar uma obra valiosa se se tivesse consagrado com mais afinco ás belas letras. Ficamos-lhe devendo, no entanto, alguns estudos notáveis sobre problemas de arte e arqueologia, um dos quais sobre a «Domus Municipalis» de Bragança, que é frequentemente citado pelos eruditos.

O dr. Raul Teixeira, que contava 70 anos de idade, era uma figura inconfundivel, um espírito de eleição, afável no trato, de uma vasta cultura e de uma grande independência, que era uma das facetas mais salientes do seu caracter.

Sucedeu ao saudoso Abade de Baçal, ainda em vida do sábio etnografo, de quem foi amigo dilecto e discipulo querido, na direcção do museu regional de Bragança, onde realizou uma obra de valorização e de bom gosto a todos os títulos notável.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura, que abandonou a breve trecho, sendo nomeado secretário-geral do Governo Civil de Bragança, de onde transitou para o museu, que dirigia há vinte anos e que enriqueceu notávelmente, reunindo no edificio do velho paço episcopal preciosos documentos provinciais, obras de arte de grande significado regional e quadros dos nossos melhores pintores, que conseguiu obter graças á simpatia irradiante que o seu trato inspirava e ao prestigio de que o seu nome gozava entre os artistas portugueses.

O sr. dr. Raul Teixeira era casado com a sr.ª D. Alice da Cunha Lima Teixeira, pai das sr.ªs D. Maria Guilhermina da Cunha Lima Teixeira Garcia e D. Maria Alice da Cunha Lima Teixeira Guardiola; sogro dos srs. dr. Francisco António Garcia, médico em serviço no Hospital do Ultramar, major de engenharia António Guardiola e José Rodrigues; irmão do sr. dr. Vitor Maria Teixeira, professor do ensino técnico, da sr.ª D. Sofia Teixeira Bragança, e da sr.ª D. Maria Teixeira Mós; cunhado das sr.ªs D. Maria Fernanda de Sacadura Cabral Teixeira, D. Alzira Brandão da Cunha Lima, D. Maria da Cunha Lima Ribeiro Pinto, D. Ludovina da Cunha Lima e D. Maria Guilhermina da Cunha Lima e dos srs. coronel-médico dr. Manuel Bragança e Manuel da Cunha Lima; avô da menina Ana Maria Garcia, dos srs. António Raul e Francisco João Guardiola, das meninas Julia Maria, Teresa Maria e Vitória Rodrigues e do menino João Rodrigues, e primo das sr.ªs dr.ªs D. Maria, D. Alice e D. Fernanda Guardiola, professoras do liceu em Lisboa.

A morte do dr. Raul Teixeira, causou naquela cidade profunda consternação, enchendo de mágua todos os seus amigos e admiradores, que eram muitissimos. O extinto era correspondente do «Diário de Lisboa» em Bragança e tinha pelo nosso jornal uma dedicação que muito nos cativava.

O corpo foi trasladado hoje para a igreja de Santa Clara, de onde sai, ás 18 horas, o funeral para o cemitério local.

Em casa do extinto receberam-se centenas de telegramas de todo o País e das mais altas individualidades. Os ministros do Interior e das Finanças fazem-se representar no funeral, que deve constituir uma imponente manifestação de pesar, pelo governador civil do distrito, dr. Armando Valfredo Pires, e o ministro do Ultramar, pelo sr. dr. António Pires Quintela.

A ilustre familia enlutada apresentamos a expressão muito sentida do nosso profundo pesar.

Dr. João Francisco Dias

ALCOUTIM, 9. — Realizou-se hoje, pelas 13 horas, com grande acompanhamento, o funeral do sr. dr. João Francisco Dias, médico cirurgião, que sucumbiu a uma congestão cerebral que ontem o acometeu. Contava 56 anos, era natural da freguesia de Odeleite, do concelho de Castro Marim, e residia nesta vila, onde desempenhava os cargos de subdelegado de Saude, médico municipal e presidente da comissão da U. N. deste concelho.

Grande benemérito do concelho, onde fundou o Hospital da Santa Casa da Misericórdia local, gozava de gerais simpatias. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Cecília Lopes Dias, era pai dos srs. João e Fernando Lopes Dias, estudantes de Medicina e do liceu, respectivamente, e irmão do sr. dr. Francisco Dias Cavaco, subdelegado de Saude em Vila Real de Santo António.

José de Jesus Garrin

COVILHÃ, 9. *(Pelo telefone)*.—Faleceu no hospital desta cidade, José de Jesus Garrin, de 66 anos, viuvo. O extinto foi combatente da guerra 1914-18 como corneteiro do extinto Regimento de Infantaria 21, tendo praticado actos de bravura que lhe valeram a Torre e Espada. Tendo conseguido conhecer e imitar alguns toques do inimigo, de cujas linhas se aproximava, o intrépido corneteiro lançava, por vezes, a confusão nas suas fileiras. A sua morte foi muito sentida.

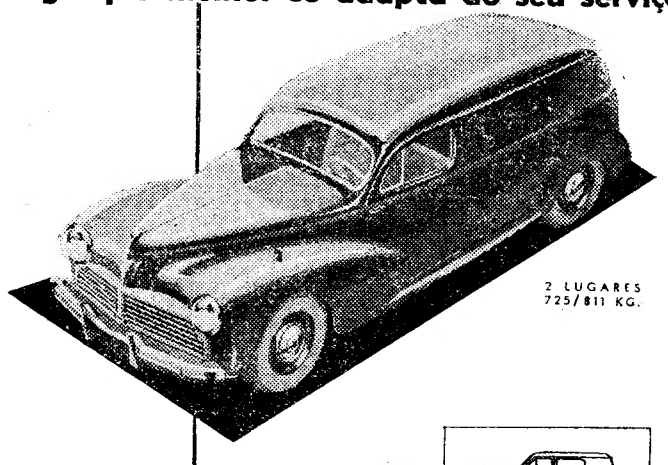
D. Julia Luisa da Silva Tavares

BEJA, 8 — Faleceu, nesta cidade, a sr.ª D. Julia Luísa da Silva Tavares, de 71 anos, natural de Lisboa, viuva do antigo comerciante bejense sr. Manuel Jacinto de Sousa Tavares, e mãe da sr.ª D. Maria Luísa Tavares, professora do ensino técnico, em Lisboa, e do sr. dr. Mário Tavares Chicó, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Regional de Évora.

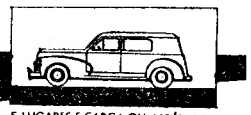
Manuel de Oliveira Pacheco

Faleceu o sr. Manuel de Oliveira Pacheco, de 81 anos, natural de Penalva do Castelo, viuvo, agricultor e proprietário, pai dos srs. António e Adelino de Oliveira Pacheco. O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Av.ª Almirante Reis, realiza-se amanhã, pelas 16 horas, da Quinta da Peça, a Poço de Cortes, para jazigo no cemitério dos Olivais.

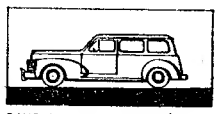
PEUGEOT
203
oferece-lhe o carro para passageiros e carga que melhor se adapta ao seu serviço



TRANSFORMAÇÕES EFECTUADAS CONFORME AS SUAS NECESSIDADES NAS OFICINAS DE



MOCAR, L.DA
RUA D. LUIZ DE NORONHA, 40-40
STAND - AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 19A-19B



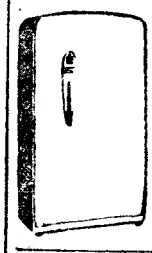
Peugeot
CONSTRUIDO PARA DURAR

RIBEIRO

Todo o género de retratos e secção à parte para trabalhos de amadores
Com a apresentação deste anuncio beneficia do desconto de 10% não só no preço dos retratos como nas molduras e máquinas fotográficas

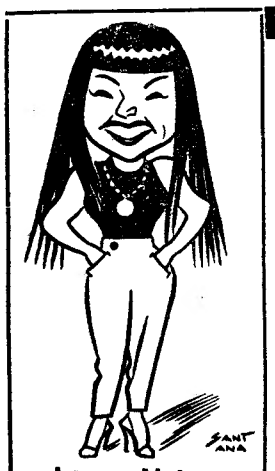
FOTO ACHILLES
Av. Almirante Reis, 1-1.º andar — Telef. 47063

NINA
SALÃO DE CHA
(Para adultos)
JOSIANE HERVÉ
A ARTISTA FRANCESA QUE CONQUISTOU O PÚBLICO COM AS SUAS EXTRAORDINÁRIAS CANÇÕES DOS FILMES QUE LISBOA VERÁ BREVEMENTE



FRIGORÍFICOS AMERICANOS de real valor

FUME A' VONTADE...
O SEU CIGARRO FAVORITO !!! USANDO A AFAMADA BOQUILHA
PETERSON'S
QUE LHE DARA' CONFIANÇA, TRANQUILIDADE E PRAZER NO FUMAR


Laura Alves

Não é o maior elenco dos últimos anos

Mas é o maior espectáculo musicado de todos os tempos

MULHERES HA' MUITAS

COM

LAURA ALVES — VASCO SANTANA

à frente de um fabuloso elenco (Adultos)

no VARIEDADES

ENCHENTES CONSECUTIVAS

A's 20,30 e 22,45 UM ESPECTACULO DE VASCO MORGADO

ESTREIA

HOJE ÀS 21,45 HORAS

«A CASA DOS VIVOS»

O DRAMA DO AMOR E DO CASAMENTO

com: CONSTANÇA, NAVARRO, MARIA LALANDE, ALVES DA COSTA, JOSEFINA SILVA, BRUNILDE JUDICE, SAMWELL DINIS e ADELINA CAMPOS — por ordem de entrada em cena.

PREÇOS DESDE 3$00 A 30$00 ESC. PARA ADULTOS — Subsidiado pelo Fundo de Teatro—LEVANTAMENTO DAS MARCAÇÕES ATÉ ÀS 18 HORAS

De ... o rque

"O FAIA"

Restaurante Tipico de Luxo

Apresenta em novas creações

Deolinda Rodrigues e Tristão da Silva

Guitarradas por: Jaime Santos e Alfredo Mendes

Fados por: Eulália Duarte e Maria Júlia.

Rigorosa selecção Telefone 29387

Leiam hoje o "SEMPRE FIXE"

Um grande programa com LUISA y MARIO e a orquestra TROPICAL BOYS

RITZ CLUB

Rua da Glória - Tel. 25140 - Adultos

Não deixem de ir vêr as estrêlas do baile fantasista

MARY-DORY SISTER'S

ESTRONDOSO ÊXITO DO ENCANTADOR BALLET SACROMONTE

CEIAS ATÉ ALTA MADRUGADA com a ORQ. TIPICA PORTUGUESA

QUEM PERDEU?

Objectos achados ontem em Lisboa, e entregues na P. S. P.:

Um tampão de roda de automóvel, uma pasta de cabedal com escovas, pinceis e trinchas, uma lapiseira, uma luva de senhora, um chapeu de senhora, a quantia de 100$00, uma régua graduada, uma bracelete de automóvel, uma argola com chaves, um porta-moedas de homem, um bloco de apontamentos com capa de plástico, um assento para motocicleta, uma vareta de medir óleo de automóvel, um saco de riscado com dois pares de sapatos, uma pasta lancheira com louça, uma argola com chaves e uma luva.

SESSÃO DE «JAZZ»

A Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa promove, pelas 17 e 30, uma sessão de «jazz» em colaboração com o conjunto do Hot-Clube e o clarinetista argentino Panchito Cao.

ÊXITO APOTEÓTICO

AMÁLIA

TRIUNFOU NO TEATRO DECLAMADO AO LADO DE

ASSIS PACHECO

NA INTERPRETAÇÃO DA OBRA-PRIMA DE JÚLIO DANTAS

A SEVERA

BRILHANTE DESEMPENHO DE UM EXTRAORDINÁRIO ELENCO NA ANTE-ESTREIA DO MAIOR ESPECTÁCULO DO ANO (ADULTOS)

NO MONUMENTAL

HOJE ESTREIA às 21,45 horas

EMPRESA VASCO MORGADO SUBSIDIADA PELO FUNDO NACIONAL DE TEATRO

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE, ÀS 22, A PREÇOS POPULARES, A ADMIRÁVEL PARABOLA EM 3 ACTOS (13 ANOS)

Para cada um sua verdade

Com Palmira Bastos, Raul de Carvalho, Erico Braga e Rogério Paulo

DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

Celeste Rodrigues

LUSO

Telefone 32889

Animador Filipe Pinto

HOJE (até de madrugada) Fados por

Celeste Rodrigues

Armando Dias, Aurora Sobral, Jorge Silva e Constança Nunes. Poesias por LUÍS PINHÃO. Solos por António Couto e Pedro Leal. Adultos.

ANTÓNIO MACHIN

MOROCCO

DANCING DE LUXO

PARA ADULTOS

Ultimas exibições do famoso cantor

ANTONIO MACHIN

EM PLENO ÊXITO A SUPER ATRACÇÃO LES CASELYS É AINDA...

BALLET ELLO RONALDOS — Rosita Angel — Emília e Madalena — Margot Gallego — Rosina Gracia, etc. — ORQUESTRA CARAVANA

BREVEMENTE NO CINEMA

ALVALADE

Telf. 763.080

QUANDO TU LERES ESTA CARTA

UM FILME DE GRANDE CLASSE COM A VEDETA INTERNACIONAL

JULIETTE GRECO

(PARA ADULTOS)

CONTRA FACTOS NÃO HÁ ARGUMENTOS...

...Só é grande a publicidade que se póde comprovar com números e factos...

ESTATISTICA

DOS PRIMEIROS 30 DIAS

ACADEMICOS	9
MAGISTRADOS	102
MÉDICOS	1.403
ADVOGADOS	1.747
PROFESSORES	820
ENGENHEIROS	592
VETERINÁRIOS	624
OFICIAIS SUPERIORES	324
MILITARES	3.015
COMERCIANTES	3.485
EMPREGADOS NO COMÉRCIO	9.824
PARTEIRAS	599
ENFERMEIROS	1.422
FABRICANTES	9.102
CRIADAS DE SERVIR	7.525
OPERÁRIOS	7.200
PÚBLICO ANÓNIMO	4.700
TOTAL	**52.493**

PESSOAS DE TODAS AS CATEGORIAS SOCIAIS QUE CONSAGRAM O INCOMPARAVEL TRIUNFO DESTE TEATRO.

A SETA CONTINUA A INDICAR O CAMINHO DO EXITO!

MARIA VITORIA

TODAS AS NOITES
EM 2 SESSÕES A'S 20.30 e 22.45
CONTINUA EM PLENO TRIUNFO
A GRANDE REVISTA POPULAR

O RETUMBANTE SUCESSO DESTE ANO PELO MAIOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS!!!

Ó ZÉ APERTA-O LAÇO!

COM

IRENE ISIDRO	ANTONIO SILVA	A grande atracção ANNE N COLAS

ALFREDO RUAS
BARROSO LOPES
OSWALDO LOUZADA
A revelação da época
ANITA GUERREIRO
A parelha de baile
RENE y HUMBERTO
e
MUITAS MULHERES BONITAS!!!

E CONTINUA ASSIM, MESMO AGORA NO 2.º MÊS...

ESPEC. PARA ADULTOS

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «O CASO MAURIZIUS» «NO PALCO DA VIDA» **IMPÉRIO ODEON e PALACIO**

SÃO LUIZ TEL. 27172 (Para adultos)
A's 15.15 - 18.15 - 21.30
Sensacional êxito de
«MIGALHA»
Uma deliciosa comédia, com **Maria Fiore, Henri Vidal e Cosetta Greco**

TIVOLI TEL. 50595
As 3 e 6,15 da tarde (a pr. red.) e 9.30 da noite
Um filme de espionagem e CONTRABANDO em tecnicolor (adultos)
«MÁLAGA»
com **Maureen O'Hara e Macdonald Carey**

EDEN TEL. 20768 (Maiores 13 anos)
15.30 - 18.30 e 21.30
Em 2.ª e ultima semana
O maravilhoso filme
OS REVOLTADOS DO CAINE
Em technicolor
c/ **Humphrey Boggart e José Ferrer**
Dois «clous» sensacionais: o tufão e o julgamento

POLITEAMA TEL. 26305 (Para 13 anos)
A's 15,15 - 18,15 e 21,30
Excepcional êxito
dos dois maravilhosos filmes em cinemascope
A CARGA DOS FUZILEIROS
(Col.) com **Tyrone Power**
Em compl.: **«Final da 4.ª sinfonia»**, de Tschaikowsky

MONUMENTAL TEL. 55131 (Maiores 13 anos)
A's 21,30
2.ª semana de exibição do emocionante filme
A SENDA DOS ELEFANTES
(Technicolor)
Inteiramente filmado nas selvas de Ceilão!
c/ **Elisabeth Taylor, Dana Andrews e Peter Finch**

CONDES TEL. 22523 (Maiores 18 anos)
A's 15,15 - 18,15 e 21,30
2.ª semana do admirável filme italiano
SETE ANOS DE LICEU
Um espectáculo de mocidade, amor e saudade...

IMPERIO PLATEIA 55134 BALCÕES 55135
A's 21.30 — (Adultos)
Estreia do sensacional filme de DUVIVIER
O CASO MAURIZIUS
com **Daniel Gélin, Eleonora Rossi Drago e Madeleine Robinson**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153 (Maiores 13 anos)
A's 15,15 - 18,15 e 21,30
O sensacional tecnicolor
A PLANICIE VERMELHA
com **Gregory Peck** e a nova vedeta **Min Win Than**

CAPITOLIO TEL. 27493
15,30 e 21,30—18 anos
2.ª semana
Eddie Constantine num filme que deve ser visto por homens e mulheres, pois o seu enredo é deveras alegre e original.
ESTE HOMEM É PERIGOSO

AVALADE Tel. 763080 (Maiores 18 anos)
A's 21,30: O mais alegre e hilariante filme do ano
MEU AMOR PATINADOR
Um verdadeiro êxito de gargalhada, com **Walter Chiari e Lucia Bosé**

TERRASSE TEL. 20917
A's 15 e 21,15—(18 anos)
O APACHE BRANCO
A fortaleza de Jamaica

ODEON PALACIO
NO PALACIO
A's 15,15 e 21,30
(Para 18 anos)
A's 21.30, estreia do maravilhoso filme italiano
NO PALCO DA VIDA
5 notáveis episódios com um fascinante elenco de celebridades

LIDO TEL. 48560
A's 21,15 — (18 anos)
TEODORA
A moça do cantaro

CINEMA IDEAL
A's 21 — (13 anos)
O MAIOR ESPECTACULO DO MUNDO

RESTELO Tel. 610375
A's 21.15 — (18 anos)
Cantinflas na mais hilariante comédia da temporada
O BOMBEIRO ATÓMICO
Amanhã — **OS ORGULHOSOS**

CASINO ESTORIL Tel. 730—EST. A's 21.30
B O N I T A E AUDACIOSA
com **Jean Simmons**
(Para maiores de 15 anos)

HOJE

Estreia de sensação
NOS CINEMAS
ODEON e PALACIO

FILMES ALCANTARA ORGULHA-SE DE APRESENTAR
UM FILME DA «SÉRIE DE OURO» DO CINEMA ITALIANO
MARAVILHOSO PELO SEU ELENCO DE CELEBRIDADES
FASCINANTE PELA HUMANIDADE DAS SUAS HISTÓRIAS

MAIORES 18 ANOS

EM FERRANIACOLOR

COMÉDIA!
FARSA!
DRAMA!

NO PALCO DA VIDA

5 notáveis episódios
EM QUE SE EVOCA A VIDA ALEGRE, TRISTE E DRAMÁTICA DE ALGUNS ÍDOLOS DO PÚBLICO NO APOGEU DA SUA ARTE E DA SUA GLÓRIA

8 grandes criações
DE **VITTORIO DE SICA, DELIA SCALA, LEA PADOVANI, MARIA FIORI, RENATO RASCEL, CARLO CROCCOLO, ALBERTO SORDI** e **LAURETA MASIERO**

GRANDIOSA REALIZAÇÃO

Aura Ribeiro

SOLAR DO DUQUE

O RESTAURANTE MAIS TIPICO DA CAPITAL
Regueirão dos Anjos, 20

HOJE: Adeus de Homenagem à **EMBAIXADA DE SAUDADE** com os queridos artistas do conjunto **ESTRELAS DE PORTUGAL** que partirá no dia 10 do corrente para a **INDIA**: *Silvia Maria, Tony de Matos, Maria Sidónio, Moniz Trindade, Ilda Artur, José Galvão, Candida Maria, Marques Vidal, Manuela Arriegas, Fernando Ribeiro* e *Fernanda Guerra*

Entre as inumeras inscrições feitas no SOLAR DO DUQUE destacamos os nomes de **ALBERTO RIBEIRO** *Margarida Amaral, Joséca, Luís Gonzaga, Eugénia Lima e Julia Barroso*

Por este motivo ficou adiada a ceia de homenagem ao popular Locutor-Animador HELIO DE ARAUJO.

A gerência artistica desta noite fica a cargo da popular artista AURA RIBEIRO. Marque a sua mesa (ADULTOS)

Julio Peres

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO sempre fixe

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

O actor Alves da Cunha pensa na organização de uma companhia dramática que teria como primeira figura feminina a actriz Eunice Muñoz.

—Entre o empresário Vasco Morgado e o realizador Fernando Garcia está em estudo um importante negócio de cinema a que não é estranho o nome de Amália Rodrigues.

—Volta a falar-se na opereta «Hilário» com Luís Piçarra no protagonista.

—Todo o guarda-roupa da companhia que o actor Carlos Coelho pensa levar a África, foi confeccionado nos «ateliers» Paiva, sob figurinos de Laertes Neves.

—Não tem fundamento a notícia recentemente propalada de que seguiriam para África 16 coristas com a companhia Vasco Santana. Este artista apenas apresentará comédias, farsas e fins de festa.

—O artista Odyr Odillon vai apresentar recitais de música brasileira em algumas terras da Província.

—Na revista «Bota abaixo», em ensaios no Teatro Apolo, a actriz Herminia Silva desempenha os seguintes papeis: «Hospedeira», «Severa», «Guarda-fiscal», «Se a Mouraria falasse» e «Professor de fado».

—Foi entregue á Academia de Santo Amaro o original da opereta «Santo Amaro», de Carlos Lopes, com que a referida academia reabrirá as suas portas no próximo mês de Maio.

Ópera em S. Carlos

Francesco Albanese vai cantar amanhã, pela primeira, vez em S. Carlos

Francesco Albanese

O Teatro Nacional de S. Carlos tem trazido a Lisboa alguns dos maiores nomes da cena lírica mundial. Entre os que figuram no elenco da ópera «Moisés», de Rossini, cuja primeira representação se fará amanhã á noite, e a segunda e ultima no domingo próximo, em «tarde cultural», a presença de Francesco Albanese é uma das que é aguardada com maior interesse. E o facto tem explicação fácil, porquanto Albanese tem ultimamente conseguido grandes êxitos em dois dos mais famosos teatros: o «Scala», de Milão, e o «Metropolitan», de Nova-York. A sua voz é bem conhecida em toda a parte graças também ás inumeras gravações de discos que tem realizado para a «Cetra», e a «His Master's Voice».

Entre os artistas que regressam este ano, mais uma vez, a S. Carlos, figuram Tagliavini, Caniglia, Simionato, Gobbi, Tajo, Magda Olivero e Giulio Neri. Este ultimo, que não cantava em Lisboa desde 1952, vai desempenhar a parte do protagonista da ópera «Moisés», o que constitui um dos principais atractivos da primeira récita deste ano interpretada por artistas italianos, por se tratar de um «papel» extremamente difícil.

Primeiras exibições

«A Migalha», no São Luís

O cinema foi ao teatro buscar uma das suas mais graciosas histórias: a vida de uma rapariguinha, dez reis de gente, «migalha» de graça e de ternura, que faz da sua existência uma sorridente aventura, com os seus toques de fantasia vagabunda, as suas alegrias de cotovia embriagada de luz, o seu corpo fresco e virginal de rosa que desabrocha, mas que não deixa sequer que o orvalho a manche. Fez a sua época «Scampolo». Pertence áquela época do teatro neo-romantico, em que autores, como Dario Nicodemi, que nós conhecemos em Lisboa, extasiado com os pardalitos do Camões, pousados nos fios telefónicos, com notas de uma alacre e extasiada partitura—pretendiam tornar mais risonha a vida no palco, como em Espanha, os irmãos Quinteros, e que, na verdade, por algumas horas, nos davam essa suave ilusão. O cinema interpretou o caso humano e não propriamente a peça, actualizou-o até, esquecendo-se que hoje os reis já não casam com pastoras, como nos contos de fadas, embora, para sermos fidedignos, se considerarmos exactas as indiscreções das agências telegráficas, na corte inglesa ainda haja, por vezes, autênticos romances de amor. Mas na «Migalha» o dueto é entre um engenheiro e uma endiabrada «ragazza», livre como uma andorinha, que não tem mais de seu que as estrelas do Céu e a sua desenvolta coragem para afrontar as traições do Mundo. A obra é doce, lenificante, sentimental, com a sua poesia humilde e romanesco encanto, numa época, como a nossa, nervosa, crispada e materialista. Sabemos qual a opinião masculina, que sentiu o contraste entre o tema e o tempo. Mas o que dirá o sexo frágil? Como é ele, afinal, que decide tudo—tanto os destinos do nosso coração como os do Mundo—aqui lhe deixamos o problema para resolver, dizendo ainda que «Migalha» se passa na Cidade Eterna, da qual vemos alguns belos trechos (a Trinita dei Monti e a fonte de Trevi) e que, no desempenho, brilham Maria Fiore, Henri Vidal, Arlette Poirier e Coletta Greco. O filme é italiano.—*Visor 42.*

«A Severa», no teatro Monumental

Paulo Renato, Amália, Assis e Santos Carvalho, os quatro primeiros intérpretes de «A Severa»
(Desenho de Fernando Bento)

Aqui há cinquenta e quatro anos, quando Chekov e Shaw pintam a vida e costumes fazendo rir ou chorar, quando Claudel traz na forja do seu sentimento «L'annonce faite à Marie» e Oscar Wilde se ri ele próprio, dos homens do seu tempo, aparece em Lisboa «A Severa». Lá fora, não passou ainda de todo o sobressalto de Ibsen. O naturalismo de Zola e o Teatro Livre de Antoine deixaram de ser uma surpresa para o pacatissimo burguês e ainda mais para a tradicionalissima nobreza. Rostand, com o romance de capa e espada, vinha acordar os brios da aristocracia, D'Annunzio reacende a chama ardente da vida. Poder-se-á dizer, que o naturalismo de Zola—embora já com um pouco de atraso—e o culto estético de D'Annunzio fermentam este levedar de ousadias que vão esbofetear o pudor, o preconceito das damas portuguesas, frequentadoras do D. Amélia?

Dizem os cronistas da época que a estreia de «A Severa» foi um escandalo. E é natural. É preciso não conhecer o que eram os costumes lisboetas de então, para não avaliar do choque com que as damas assistem ao oferecimento de um cigarro por uma mulher do fado. Mas, que é, no fundo, essa «Severa» que hoje nos aparece tão ingénua e discreta, ao lado de tantas mulheres elegantes, mesmo sem ser do «fado liró»?

Fumam, usam calão, cruzam a perna mais desenvoltamente do que ela...

Sem ser um panfleto lançado contra as pustulas sociais, como o fizera Zola, sem haver nela o culto afrodisiaco de D'Annunzio, «A Severa», como toda a obra de Julio Dantas, é um supremo requinte de estilo, de estetismo. A fórmula, o verbalismo, o excesso romantico, como tudo o que traz o selo de uma época, enfim, podem ter sido ultrapassados. Mas há nesta pitoresca evocação aguarelada um tal deleite de esteticismo que assegura á obra de Julio Dantas um lugar de padrão imperecivel na literatura dramática portuguesa. Não é, por certo, a melhor peça do autor do «Reposteiro verde»; não tem o preciosismo rendilhado de «A ceia dos cardeais». Mas por alguma razão ultrapassou as fronteiras, numa época em que o mundo culto só tomava conhecimento da sua própria existência.

A cinquenta e quatro anos da sua estreia, poderia dizer-se que a critica de «A Severa» está feita. Mas, se assim fosse, nunca mais, também se poderia falar de Moliére ou Gil Vicente. As gerações renovam-se, porém; as correntes de sensibilidade evoluem. Por isso houve ontem, no Monumental, quem se mantivesse intransigentemente agarrado ao estilo da encenação—á «versão»—de há cinquenta e quatro anos e houve quem transigisse com o seu modernismo. (Houve ainda, naturalmente, os que ficaram á margem de discussões, porque «A Severa», para eles, era a Amália, mas isso, é claro, se pode ser interessante para a bilheteira, é um assunto que não tem nada com o Teatro...).

Quanto a nós, a peça, sem cerebralismos, sem intuitos sociais, sem outros, mesmo, que não fossem os de fazer Teatro—e é-o verdadeiramente, porque «tem teatro», esse sentido emocional que parece ignorado de José Régio quando escreve ou quando critica teatro—escandalizando as plateias, com o seu realismo descritivo, não perdeu muito para aqueles que querem ver no teatro uma função unicamente artistica. Julio Dantas, já então conhecedor dos segredos de uma técnica que requintou, soube alternar a facécia e o sentimento, a lágrima e a dor, o estático e o dinamico, criando um clima em que as paixões se desenvolvem, mais através de acção do que da introspecção. O português, aliás, nem sempre será um material suficientemente complexo para fornecer tipos interessantes, nos dominios da criação literária. Ou, então, é um defeito do escritor que não sabe devassar-lhe as paixões, para além do que dizem as suas palavras e os seus actos. Seja como for, «A Severa» é uma obra de arte, valendo como tal, com figuras magistralmente definidas num ambiente e numa acção poderosamente evocativos. Talvez não vá agora, mais uma vez, ás centésimas representações; mas há-de ser centos de vezes reposta, pelos tempos fora, porque o sortilégio das figuras, não sendo próprio das actuais como as vicentinas, dão-nos a imagem do povo, numa certa época e num certo meio. O publico não poderá nunca ficar alheio a essas circunstancias de tempo e de lugar, mantendo-se interessado, como ontem se revelou. Riu-se e emocionou-se no final, porque a técnica moderna tem ao seu alcance certas «ausências» de técnica e outros elementos que possibilitaram o ambiente poético em que se ouve a voz de «Diogo» cantar «Chorai fadistas, chorai, que a Severa já morreu»...

E porque esta resenha já vai longa e as páginas de um jornal não especializado não comportam uma análise de figuras—as mais susceptíveis de análise seriam, porventura, essas duas complexas infelicidades, a da Severa e a do Custódia—aqui se faz uma ligeira referência ao desempenho e á encenação.

Amália correspondeu, perfeitamente, á expectativa. Todos aqueles que a tinham visto na opereta—um dos muitos decalques que andam por aí de «A Severa»—não podiam aspirar a tanto, no desempenho de um papel que só circunstancialmente tem qualquer afinidade com o seu prestigio de cantadeira. A figura é para uma grande actriz. E Amália, num esforço que raras vezes se sente hesitar, consegue erguê-la, sobretudo quando o papel lhe pede ginguice e genica. Depois, há um apelo á sua garganta privilegiada e até aqueles que não gostam de fados sentem o sortilégio do recurso...

Para outro plano, terá de se trazer a interpretação de Assis Pacheco, que compôs um «Custódia», fácil de compor, sendo pena que, por vezes, aqui e ali ainda apontassem as «suas» ressonancias dramáticas, isto é, a «sua» maneira de dizer. Depois, compõe tão bem a figura interior e exteriormente, mostra-se tão bem subordinado ao texto, ao estilo de representação da época, á escola, enfim—que dir-se-ia que destoa, no meio dos cenários estilizados e de processos de representar que se caracterizam, quase sempre, pela ausência de estilo na representação. Isto, porém, revela falta de pulso e de unidade no ensaiador, pondo á vista, mais uma vez, a carência da nossa encenação.

Paulo Renato, a quem cabiam as responsabilidades do galã da peça, não podia, naturalmente, com o peso dos confrontos nem mesmo até do papel. Faltavam-lhe «autoridade», figura, sedução, brutalidade, alegria, convicção enfim, que foi, aliás, o que faltou a quase todo o resto de interpretação. (Parece-nos que havia santos amadores que, tal como os que vão ao «Frei Luís de Sousa» para ouvir dizer «Ninguém!» e ao «Rigoleto» para ouvir «La donna é mobile», também outem vestiram «smoking» para coleccionar mais um «Isto é descer, marquesa?...»).

Madalena Sotto, muito bem vestida, muito bonita, brilhou sem esforço na sua unica presença em cena; Sara Vale fez muito bem um apontamento cheio de convicção; Maria do Carmo defendeu-se com a sua juventude graciosa da sua grande inexperiência; Santos Carvalho pareceu-nos pouco integrado num conjunto dramático, lembrando o seu «Romão», por vezes, uma rábula exagerada; Henrique Santos fez um «Timpanas» bastante aquém do que seria de esperar da sua fantasia; Rui de Carvalho triunfou no pequeno papel de «Diogo»; Armando Cortês, Mário Pereira, Abílio Herlander, Manuel Neves e Licinio Serra tiveram a sua responsabilidade pesada com a sua boa vontade. O papel de «D. José», tinha, na verdade, que navegar ao sabor das circunstancias...

Pinto de Campos vestiu muito bem, de ponta a ponta, esta «Severa» cuja protagonista, no final do 3.º acto, em cena aberta, se cobriu de flores, tendo ao lado a figura prestigiosa de Julio Dantas, ainda pouco adaptado ás circunstancias, depois da consagração de Coimbra...

A adaptação do maestro Fernando de Carvalho, que esteve á frente de uma orquestra afinada, acentuou o ambiente fadista que a presença de Amália reclamava.

Quanto aos cenários—muito bonitas as cortinas de Manuel Lapa—os ortodoxos reprovaram-nos. Por nós, aceitámo-los. A «versão» de «A Severa» de hoje não podia ser, sequer, a de há 27 anos. Jouvet foi muito mais atrevido com Moliére. Por isso gostámos dos cenários do 1.º e do 2.º actos, mais até do que do 3.º, possivelmente. O «movimento» dos ruidos exteriores, aqui—berlindas, toirada, etc.—podia ter resultado melhor, mas não se pode negar, ao conjunto, uma certa frescura estilizada que fica bem a este ano de 1954. Daqui a meio século, far-se-á de outra maneira. Mas, até lá, cada qual terá de ser do seu tempo. É a sugestão da obra do autor, a beleza plástica do espectáculo, o sortilégio do nome da protagonista, que há-de fazer perdoar a muitos a resolução de se converter esta representação no primeiro espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro, preferindo-se tentar um «tiro» de bilheteira em lugar de criar a unidade dos seus elementos. Mas isso seria um tema muito diferente e muito fora desta impressão colhida ontem na estreia de gala do Monumental, vendo representar, pela primeira vez, «A Severa» centenária no numero de representações. Por nós, não queremos desmanchar o ramilhete. Aqui deixamos a quantos intervieram nele, uma flor que desejariamos fosse prenuncio de grande exito.—M. A.

Espionagem na Turquia

ISTAMBUL, 9. — Foram enforcados, esta manhã, na cidade de Erzurum, situada na parte Leste da Turquia, os dois cidadãos soviéticos, Ivan Adamidi e Nikola Antonof, condenados á morte, por espionagem a fávor da U. R. S. S. — (F. P.).

Cinema cultural

A B C Cine-Clube

O A B C Cine-Clube de Lisboa dedica as suas sessões deste mês ao «ballet» cinematográfico, a primeira das quais é realizada amanhã, pelas 18.30, no Capitólio, com o belo filme «Os Sapatos Vermelhos», realizado e produzido por E. Pressburger e M. Powell. Fará os comentários ao filme miss V. Forman, directora da Secção Cultural do Instituto Britanico.

A Grande Orquestra Sinfónica Alemã de Acordeons Honner

dá amanhã, no Coliseu o seu primeiro concerto com obras de Mozart, Schubert, Weber, Rossini, Chopin e outros grandes mestres da musica

E' já amanhã que será satisfeito o grande anseio do publico. A Grande Orquestra Sinfónica Alemã de Acordeons Hohner, a melhor e a maior orquestra do género do Mundo, apresenta-se ao publico de Lisboa, no Coliseu, no seu primeiro concerto de uma curta série de três concertos que vem dar a Lisboa na sua viagem triunfal para a América do Norte. Trata-se, realmente, de um acontecimento artistico de rara projecção e relevo, não só pela categoria da orquestra e dos seus componentes mas também pela excelência dos seus programas que incluem as obras mais queridas dos grandes clássicos e mestres da harmonia. Sob a superior regência do insigne maestro Rudolf Wurthner a Orquestra Sinfónica de Acordeons Hohner, que conta com esse maravilhoso instrumento, maravilha da técnica e da invenção modernas, que é o «acordeon electrónico» far-se-á ouvir nos melhores e mais bem escolhidos programas que é de lamentar sejam tão poucos. O programa do seu 1.º concerto de amanhã é o seguinte: I parte—Orquestra: «Uma pequena serenata», de Mozart, e «Sinfonia incompleta», de Schubert. II parte—Orquestra: «Peter Schmoll» (Abertura), de Weber. Siegfried Sugg, solo de acordeon: «Nocturno» e «Valsa», de Chopin. Orquestra: «Danças Guerreiras do Principe Igor», de Borodine. Ralf Glass, solo de cromónica com acompanhamento de orquestra, «Heire Katy», de Rubay. Orquestra: «Guilherme Tell» (Abertura), de Rossini.

Contra o analfabetismo

Grupo Desportivo da Mouraria

No dia 9 de Fevereiro ultimo, o Grupo Desportivo da Mouraria, colaborando na magnifica acção da Campanha Nacional de Educação de Adultos, inaugurou na sua antiga sede, na Rua do Capelão, 20, 1.º, uma escola que tem já magnifica frequência e que vai, certamente, colher os melhores resultados. A propósito do que, então dissemos, acerca do acto inaugural e dessa mesma acção, escreve-nos agora a direcção do benemérito e simpático grupo, para agradecer, com palavras muito penhorantes, a nossa desinteressada colaboração.

Entretanto, a mesma direcção pede-nos que lembremos aos interessados que esses cursos funcionam das 18 ás 20 e das 21 ás 23 horas, com larga frequência e bom aproveitamento.

As pessoas que queiram fazer exame da terceira e quarta classes da instrução primária e desejem frequentar aqueles cursos ou os cursos a criar, das 8 ás 10, 10 ás 12, 14 ás 16, dos dois sexos, devem indicar os nomes e moradas ou fazer a sua inscrição na Rua do Terreirinho, 80, 1.º, e na Rua do Capelão, 20, 1.º, das 18 ás 21 horas, ou pelo telefone 33342 das 18 em diante.

VIDA MUSICAL

Concessão de prémios no Conservatório Nacional

Realizam-se, no próximo sábado, ás 21 e 30, na sala de concertos do Conservatório Nacional, os concursos de provas publicas dos candidatos aos prémios «Rey Colaço» (Piano) e «Albertina Mergulhão» (Canto teatral).

No mesmo dia, ás 17 horas, termina o prazo para a entrega, na secretaria daquele estabelecimento dos requerimentos dos concorrentes aos prémios escolares do Conservatório Nacional.

Fágide
FABIA GRINGOR

EXITO

Sobre a Semana do Cinema Francês

Acerca dos comentários críticos que publicámos na ultima semana sobre um artigo de Jorge Pelayo na revista «Visor», recebemos daquele crítico de cinema uma carta que publicamos a seguir. Antes, porém, de o fazer, queremos dizer que só a falta de espaço não nos permite refutar inteiramente as suas novas afirmações, o que faremos na próxima semana. Todavia, aqui fica arquivado mais este documento comprobativo da posição de Jorge Pelayo...

«*Meu prezado E..rico da Costa:* — Houve quem tivesse ficado descontente com a Semana do Cinema Francês por não ter visto tudo quanto particularmente desejava e, daí, alguns artigos surgiram em que se atacava a Semana. Você, creio, assinou dois deles. Pessoalmente também não ficara satisfeito nem com os vossos artigos nem com o facto da Semana não ter conseguido obter todo o rendimento de penetração a que o actual cinema francês tem jus. Isto deu origem a três páginas do «Visor» que o meu amigo leu fugidiamente, atentando nos dois ou três periodos que «enfiou» e sem atender ao que de mais profundo o artigo continha. Conclusão: uma catilinária nesta página, há oito dias. De principio, nem pensei na ousadia de uma resposta, mas, notando que o amigo me considera crítico cinematográfico de «razoável nivel e independência», achei que podiamos conversar aqui de igual para igual. Vai daí...

Você escreveu há oito dias que no meu artigo as contradições saltavam de todos os lados. Infelizmente não as apontou, para minha elucidação e futura corrigenda e deteve-se no *principal*, ou seja na minha defesa dos filmes apresentados na Semana do C. F.». Ora, se V. tivesse dedicado mais cinco minutos á leitura da minha rude prosa, teria poupado as horas que gastou com o seu libelo, pois veria que o «principal» para mim, autor, não coincide com o «principal» para si, breve e saltitante leitor. O espaço sempre limitado não consente que aqui explane as ideias que deixei no «Visor», pelo que entro numa resposta sucinta.

Apontei que a Semana fora incompleta mas não inferior ás que se fizeram noutras capitais e V. arripiou-se todo. Esclareci que fora incompleta porque a Unifrance é um organismo económico oficioso e dadas as limitações da censura portuguesa aos espectáculos. *Provei* que a selecção exibida aqui não foi inferior ás de Tóquio, Londres, etc.

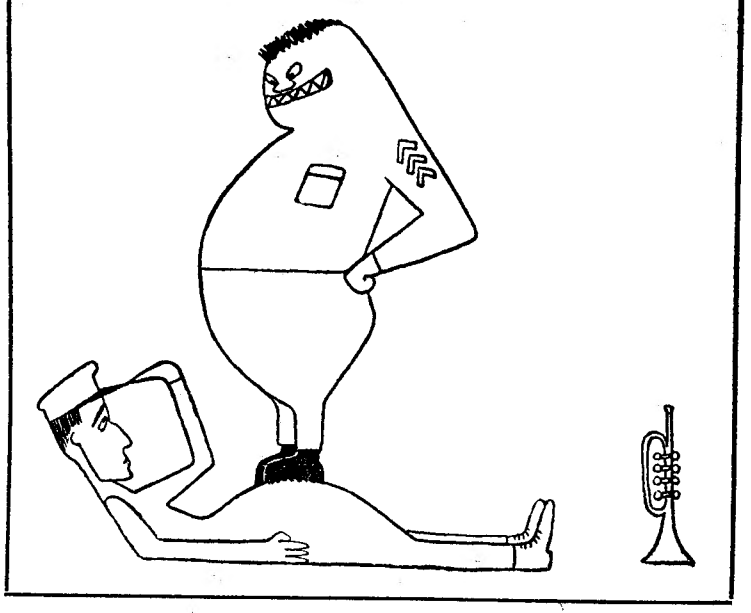
Desta ultima parte fez V. o seu cavalo de batalha, mas cavalo de Troia que arde ao menor contacto com a centelha de Prometeu. Para o ataque, o Eurico da Costa serviu-se do método estatístico que tudo pode provar ou negar desde que se omita uma circunstancia ou se comparem coisas que não são rigorosamente idênticas. Assim, V., o fez também, e errou triplamente: 1.º—Não atendeu ao facto de Portugal ser dos países do Mundo onde a exibição cinematográfica está mais actualizada e haver de seleccionar entre o recentíssimo em vez de seleccionar entre a produção dos ultimos seis anos, como se fez em outros países. 2.º—Errou ao querer extrair de uma selecção de nove filmes as conclusões que tirara de selecções de seis filmes. Não reparou que é muito fácil agrupar dois filmes óptimos e é quase impossivel reunir 20 de igual mérito? 3.º—Escreveu que classificara os filmes apresentados nas várias semanas segundo a unanimidade da crítica internacional e nacional (!), mas quando passou por «La table aux crèves», que não deve ter visto, diz que não tem qualquer informação. Então, para que lhe serviram os mestres franceses, ingleses e italianos? Convenço-me de que a tal unanimidade é apenas de si para consigo... O artifício de contarem positivamente os bons e os médios e negativamente os maus serviu-lhe á maravilha para provar o que queria e pelo prazer de simples contradição. E o mais? «Sans laisser d'adresse» figura como *incontestàvelmente bom*, quando lá fora não encantou ninguém. Agrupa nos *médios* (positivos) «... 7.ª mulher de Barba Azul», «Caroline Chérie» e «Iremos a Paris»— porque fizeram parte das outras selecções e não da de Lisboa—mas considera *maus* (negativos) um «Caso Maurizius» e um «Renegado» que teve o prémio internacional do O. C. I. C. em Veneza.

Palavrinha de honra que V. não me convenceu, julgo mesmo que não convenceu ninguém e, assim, continue a pensar que a Semana do Cinema Francês em Lisboa reuniu o que de melhor era possivel apresentar entre nós em face do exigivel ineditismo, das restrições da Censura e das razões comerciais que norteiam estas jornadas de propaganda. Mais, que este conjunto de factores não impediu que a Semana de Lisboa equivalesse á de Londres, por exemplo. Além de tudo isto, a contribuição cultural dada pela Retrospectiva e pelo J. U. B. A. evidenciaram a permanência da qualidade e da versatilidade do moderno cinema francês.

Meu caro Eurico da Costa: o ardente entusiasmo com que há 16 anos trato na Imprensa assuntos de arte em geral e com que há 12 me devotei ao Cinema, deu-me a serenidade olímpica para avaliar os factos tal como têm de se verificar e não como V. pretendia que se dessem. Talvez que essa serenidade venha também do contacto com os deuses que nos iluminam a ambos... E onde leu V. que eu tinha a foto do Cravenne sobre a secretária? Eu não disse que V. passou os olhos fugidiamente sobre o meu artigo?... E se fôssemos a mudar de assunto? Camarada como sempre, sou o seu amigo — *Jorge Pelayo*».

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

«DAQUI PARA A ETERNIDADE»



INGRID BERGMAN

zangada com os compatriotas

Ingrid Bergman que recentemente voltou á Suécia para a apresentação do filme «Jeanne au bûcher», realizado por seu marido, Roberto Rosselini, defendeu-se, com vigor, numa declaração publica que fez em Estocolmo, da crítica que os jornais fizeram á sua actuação naquela película. (Certos jornalistas acusavam-na de ser ávida de publicidade).

Os termos da réplica de Ingrid Bergman provocaram imediatamente, em todo o publico um movimento de simpatia que encheu de flores a sua partida da capital, após o frio acolhimento que lhe fora dispensado á chegada...

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

O novo filme de ZAMPA

Com «L'arte di arrangiarsi», de que publicamos uma imagem, Luigi Zampa volta á sátira de costumes

★★★★★★★★★★

CORTES NOS FILMES

O Porto protesta

De um nosso leitor do Porto recebemos a seguinte carta, que não necessita de comentários:

«O facto não é novo nem, certamente, se circunscreve á cidade do Porto, mas desta vez é demasiado atrevido e descarado. Vi, no dia da estreia, o excelente filme «Antes do Diluvio». Dias depois, voltei ao mesmo cinema com umas pessoas de família a quem recomendara o filme e verifiquei, com surpresa, que fita estava toda retalhada, tendo-lhe sido cortadas várias cenas essenciais para a boa compreensão do assunto e definição psicológica das personagens. A fita tinha sido encurtada em mais de 15 minutos de tempo de projecção, o que representa não só um atentado contra a obra alheia, mas também um abuso de confiança para com o espectador que pagou, por inteiro, um bilhete para ver uma fita completa e lhe oferecem uma versão estupidamente reduzida. E o desaforo foi até ao ponto de fazerem isto depois de terem insistido, na publicidade, que se tratava da versão integral!...

Ora, se o merceeiro da esquina me vender um bacalhau de quilo e meio como tendo dois quilos, posso chamá-la á Polícia, e ele, certamente, será multado por isso. Os espectadores que foram áquele cinema depois da noite da estreia foram vítimas de idêntico abuso. Quem defende os direitos do autor do filme? Quem defende os direitos do publico?».

★★★★★★★★★★

TEATRO

PARIS — No teatro-estudio dos Campos Elísios subiram á cena duas peças de Luigi Pirandello, «La fleur á la bouche» e «La fable de l'enfent échangé», que a crítica acolheu muito favoràvelmente.

*** Amanhã, no Teatro Antoine, começarão as tomadas de vistas da peça «Boulevard du crime» posta em cena por René Gaveau, com Maria Mauban, Frank Villard, Jean Tissier, Renaud Marcy e Micheline Franay.**

*** Em principios de Maio voltará á cena no Teatro de Variedades a peça «Jupon volé».**

*** Com «L'ami de famille», que subirá á cena brevemente, far-se-á a estreia de um autor, um «metteur-en-scène» e de dois actores na Comédie-Coumartin. São eles Jacques Sommet, Bernard Blier e os dois conhecidos fantasistas de «music-hall» Poiret e Serrault.**

*** LISBOA — Continua em cena, com assinalável êxito, no Teatro Nacional, a peça de Luigi Pirandello, «Para cada um sua verdade».**

VIVIANNE ROMANCE

VAI CANTAR

Em principios do próximo mês de Maio, Viviane Romance—que, entretanto, deve terminar «Gueule d'ange»—iniciará a sua participação em «Blues», que será dirigido por Jean Josipovici.

Jean Bretomiére, Sydney Bechet e Claude Luter foram igualmente contratados para desempenhar os principais papeis deste filme que, baseado numa intriga policial, evocará, principalmente, certos amadores fanáticos do «jazz».

Viviane Romance cantará de novo neste filme, depois de o ter deixado de fazer há tantos anos.

Maria Frau no novo filme de Eduardo de Filippo «Questi fantasmi»

Cineclubismo

CINE-CLUBE DE EXTREMOZ

No dia 28, realizou-se a 12.ª sessão de Cine-Clube de Extremoz, com a exibição de «Mataram o Pai Natal», de Christian Jaque.

Recebemos os respectivos programas e os cuidados boletins com noticias da vida associativa, bem como os programas relativos ás ultimas sessões infantis.

CINE-CLUBE DO PORTO

O Cine-Clube do Porto efectuou a sua 188.ª sessão cultural com a exibição de «Cronaca di un amore», de Michelangelo Antoniani, que foi comentado por Alves da Costa.

No próximo dia 13, será exibido «Vertigem», de Alf Sjöberg.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

A estreia do «IMPERIO»

«L'AFFAIRE MAURIZIUS» foi um dos mais brilhantes êxitos da Semana do Cinema Francês, realizada em Lisboa. A notável película de Duvivier, vibrante, aplaudida pelo publico, vai estrear-se hoje, no «IMPÉRIO» com o natural regozijo dos nossos cinéfilos. Nos principais papeis: Daniel Gelin, Eleonora Rossi Drago, Madeleine Robinson e Charles Vanel. «O Caso Maurizius» obteve recentemente no Festival de Punta del Este, o 1.º Prémio de fotografia.

DE ONTEM PARA HOJE

Morrer de vergonha

De que se morre, afinal? Morre-se de frio (metafóricamente) por esse País fora e morre-se de calor (um nonagenário de Mação, Francisco Tropa, e uma criança de dois anos, Maria Isabel Rosa, de Tomar, caídos nas lareiras). Morre-se em «circunstancias estranhas», circunlóquio vago que exprime o vago das informações (Eufrásia de Jesus, de Viana do Castelo). Morre-se na estrada debaixo de automóveis (um pequenito Manuel Bento, de 7 anos, em Mértola) e dabaixo de carros de bois (outro pequeno, Arsénio Pereira, este de dez anos, perto de Mortágua, e o próprio carrejão, Agostinho da Silva, em Ponta Delgada). E até se morre de desgosto! Um homem da raia, de Bismula, cercanias de Sabugal, ao receber a notícia de que dois filhos seus tinham sido presos em Espanha, por infracção tão limitada como a de atravessar a fronteira sem papeis, sofreu tal golpe que foi acometido de uma síncope de que sucumbiu. Na sua modéstia, este homem guardava em si um conceito de honra e de honestidade que não podia dobrar-se a admitir desculpas para transes como aquele. Ele era um forte nas suas convicções e na sua regra de vida. Mas aquilo era mais forte que ele.

Pintores e escritores

Armando de Lucena ocupa-se hoje no «Diário de Notícias» dos pintores que por devaneio souberam ser escritores e dos escritores que por devaneio apreciaram ser pintores. O tema é curioso pois encerra em si um exemplo da insatisfação natural que faz ouvir o seu grito escaldante na ansiedade de quem procura formas de beleza. Qual a verdadeira expressão? «Ars una, species mile». Podemos somar o exemplo de Raul Brandão, que deslumbrou os amigos quando lhes revelou o milagre pictural das suas horas vagas. E ainda outro exemplo, o de Abel Manta, vivo e córado, olhos prescrutadores e piada mordente, beirão sádio (o Aquilino da pintura) que se dá a primores de estilo quando adrega de escrever, prática a que se confia com secreta volupia e opulencias de pormenor. Nunca o verdadeiro artista se dá por satisfeito, sempre a ideia de que poderá encontrar outro caminho o perseguirá como um tormento.

À mão de semear...

E ninguém fazia ideia de onde estivesse o larápio! Por mais voltas que se dessem — nada. Levou nisto quatro anos o prior de Vila Seca, suburbios de Condeixa, a quem faltava dinheiro nas gavetas e a quem faltava milho nas talhas. Pondo espreita de confiança num confessionário, não tardou a concluir que o larápio outro não era que o seu próprio sacristão. Realmente, parece que ninguém supunha que tão perto estivesse o autor de furtos que, porventura, mais longe se teria procurado. E o mesmo «quem havia de dizer» por certo foi murmurado, com identica estupefacção, por certo indivíduo de Lisboa a quem saíram na lotaria 50 contos que ele foi confiar a um tio «de confiança». Também este, apesar das evidências, negou até ao fim. Só quando, diante dele, encontraram o peculio muito bem escondido no forro da água-furtada — é que ele sucumbiu, rendido á evidencia. Santos de casa ...também fazem «milagres» desta ordem.

As duas imagens

A previsão meteorológica dava descida de temperatura. E desceu. Nos ultimos dias e de ontem para hoje. Março já entrado, a Primavera de calendário a dez dias de vista, o termómetro em Lisboa desceu ás proximidades do zero (dois positivos), voltou a cair nevão rijo por terras de Bragança e até aqui, a dois passos de Lisboa, Sintra estremeceu outra vez de neve desfeita em mistura de água gelada. Parece, porém, que a Natureza se compraz neste pequeno jogo de escondidas — pois ali mesmo, a dois passos de Lisboa e a outros dois de Sintra, a Primavera afirma a sua presença magnífica com as primícias festivas de uma ameixoeira de Cascais que começa a desentranhar-se em frutos.

Jornal pequeno

Terminaram os concursos para duas vagas de assistentes dos hospitais civis, que foram preenchidas pelos drs. Kirio Gomes e Ferreira de Lima. Se se disser que as provas se prolongaram durante quase dois meses, ter-se-á uma ideia da importancia destes concursos, que estão a ganhar um prestigio semelhante aos dos concursos para a Faculdade ✱ Elevadas á categoria de embaixada as representações portuguesa em Otava e canadiana em Lisboa, está já designado o primeiro embaixador do Canadá. E' o sr. W. F. Alphonse Turgeon, que, embaixador em Dublin, onde residia, detinha também o título de ministro em Lisboa ✱ Um funcionário do Colégio Militar, o sr. José Borges, atingiu o limite de idade e foi homenageado por ter cessado as funções que desempenhava, com louvável aprumo, há 46 anos. Teve honras de assistir, ao lado do director do Colégio, ao desfile do batalhão escolar.

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta. 253 — Telef. 24564

Duas horas no túnel

onde começaram esta manhã

as obras para o seu rebaixamento

indispensável para a electrificação das linhas

O primeiro turno de operários, trabalhando da via des

Conforme temos anunciado, começaram hoje os trabalhos da empreitada, com o prazo de setenta dias, adjudicada á firma António Veiga, Ld.ª, para preparar o tunel do Rossio para a electrificação, prevista até ao fim do ano que vem, da linha de Sintra e de parte da do Norte, entre Lisboa e o Entroncamento.

Enquanto alguns operários procediam, na estação do Rossio, á preparação da montagem das instalações para o fabrico dos betões destinados ao tapete que há-de cobrir o novo pavimento do tunel, e ao alargamento de oitenta centimetros, de uma porta da «gare» para permitir a passagem de camionetas com material, do lado de Campolide, cinquenta e um homens, no primeiro de três turnos consecutivos, iniciavam os trabalhos na via descendente cujos carris, como dissémos, já haviam sido totalmente levantados.

Da parte da manhã, estiveram ali, durante as duas horas passadas dentro do tunel, por parte da C. P., os srs. engenheiros Constantino de Carvalho, sub-chefe de Divisão de Via e Obras, e Gaioso, chefe de circunscrição, agente técnico de Engenharia Arnaldo Morais de Carvalho, e chefe de lanço João da Rocha Soares; e da firma empreiteira os sócios, srs. António Veiga, Miguel Caro Veiga e João Melo Veiga, e os técnicos srs. professor Manuel Guilherme Tavares Cardoso e engenheiro Vassalo e Silva.

O túnel profusamente iluminado !

Quando, da estação de Campolide, nos dirigiamos para o tunel, tivemos uma agradável sensação de beleza. E' que em ambas as paredes daquele buraco, em linha recta, de mais de 2.600 metros de comprimento que vai desembocar á entrada da «gare» do Rossio, viam-se fieiras extensas de luzes, criando, por assim, dizer ar festivo, para os trabalhos no subsolo, e iluminando perfeitamente uma zona de 400 metros. E' que o pessoal da C. P. colocou dois cabos, com 130 gambiarras de seis lampadas cada, pregadas com intervalos de seis metros e meio.

A ordem dos trabalhos

Durante a manhã de hoje procedeu-se á limpeza do pavimento da via descendente e á remoção do actual balastro (pedras colocadas sob os carris) e das terras, que vinte e cinco vagões, rebocados pela Diesel-Eléctrica 1.522, iam conduzindo para um vazadouro situado para lá de Sacavém. Nestes trabalhos estão a ser utilizadas picaretas, pás e forquilhas.

Seguir-se-ão: o rebaixamento, de meio metro, do pavimento actual; a destruição da caleira central existente e a construção doutra, cinquenta centimetros mais funda, bem como das caleiras laterais; e o recalçamento das duas paredes cujos alicerces terão de ser prolongados, também, os cinquenta centimetros.

Nesses trabalhos serão empregadas, consoante as necessidades e as conveniências, as picaretas, ou os doze martelos demolidores, accionados, a ar comprimido, por uma central de compressores que, para tal efeito, foi montada hoje, á entrada do tunel.

Chegou a encarar-se a hipótese de os trabalhadores terem de ser equipados com fatos especiais, por causa da água que caisse da abóbada do tunel; mas cerificou-se que, pelo menos neste primeiro troço, pinga tão pouca água que isso se torna desnecessário, como tivémos ocasião de observar. O mesmo não deve acontecer, porém, numa zona aproximadamente a meio do tunel.

Com pás e forquilas, o entulho é carregado em vagões

O que há dentro do túnel

Mesmo as pessoas que nele têm circulado dezenas de milhares de vezes desconhecem, devido á escuridão, o que existe nesses dois mil seiscentos e tal metros de tunel — que só se bifurca muito perto da estação do Rossio.

Comecemos pelo revestimento: dos lados há paredes de pedra, de dois metros de altura, sobre as quais assentam três ordens de tijolos, de 27 centimetros de comprimento cada, dispostos em cutelo, tendo, com a cal, uma espessura de 80 centimetros, na abóbada.

Na parede do lado esquerdo, partindo do Rossio, existem, em todo o tunel, duas caixas com os cabos eléctricos para a sinalização automática entre as duas estações.

Na do lado direito, vêem-se um cabo que transporta as linhas para quatro telefones instalados, dentro do tunel, em cabinas iluminadas com duas lampadas—e que são utilizados durante os trabalhos, ou em caso de acidente; e dois fios que alimentam essas oito lampadas.

Ao centro e aos lados, há as caleiras para a drenagem das águas.

«Até que enfim acaba este Inferno!»

Quando, terminada a nossa reportagem dentro do tunel — de cuja entrada, em dias de Sol, se vê a outra oposta e que tem um declive de um por cento, sendo portanto, no Rossio, 26 metros mais baixo do que em Campolide — conversámos com dois empregados da C. P., que, durante muitos anos, foram simples maquinistas e hoje já são funcionários categorizados.

Quando lhes dissémos que tudo estava a correr normalmente e que os empreiteiros estavam satisfeitos, um sorriso iluminou-lhes os rostos:

O I Congresso

Nacional de Filosofia

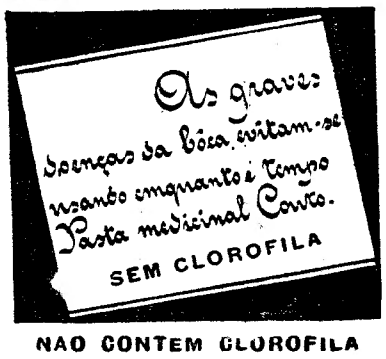
abre hoje em Braga

BRAGA, 9.—(Pelo telefone).—Com uma sessão de boas-vindas aos congressistas, que serão saudados pelo presidente do Municipio, na presença das autoridades, no salão nobre da Camara Municipal, começam hoje, nesta cidade, pelas 16 e 30, os actos do I Congresso Nacional de Filosofia, em que participam representantes de todas as Universidades portuguesas e de muitas estrangeiras, designadamente, do Brasil, Espanha, França, Alemanha, Itália e Argentina.

Terminada a referida sessão, segue-se, nos salões da Biblioteca Publica, a abertura de uma grande exposição bibliográfica, na qual se documenta a evolução do pensamento filosófico português e estrangeiro, através dos tempos.

Á noite, na Faculdade de Filosofia, realiza-se a sessão solene inaugural do Congresso, na qual usam da palavra os srs. prof. dr. Lucio Craveiro da Silva, reitor da Faculdade de Filosofia, que falará sobre: «O significado do I Congresso Nacional de Filosofia»; prof. dr. Delfim Santos, da Universidade de Lisboa acerca do «Conceito de Filosofia»; e prof. dr. Arnaldo de Miranda Barbosa, que tratará o tema: «Filosofia e Método».

Os trabalhos prosseguem amanhã, ás 9 e 30, nas salas da Biblioteca Publica, com a apresentação de teses, comunicações e debates.



NAO CONTEM CLOROFILA

Repressão do terrorismo

no Marrocos francês

RABAT, 9—Os serviços policiais desta cidade, depois de prenderem dois individuos que transportavam armas, entre a região fronteiriça das duas zonas de Marrocos e Casablanca, na noite de 7 para 8 do corrente, iniciaram um inquérito que já levou á detenção de nove Marroquinos pertencentes a células terroristas muito activas e permitiu averiguar a existência de um caso de terrorismo importante.

Em Casablanca, a Policia intensificou as suas patrulhas. Uma pequena bomba explodiu, na noite passada, debaixo do carro de um talhante marroquino, no bairro europeu. Causou apenas ligeiros estragos.

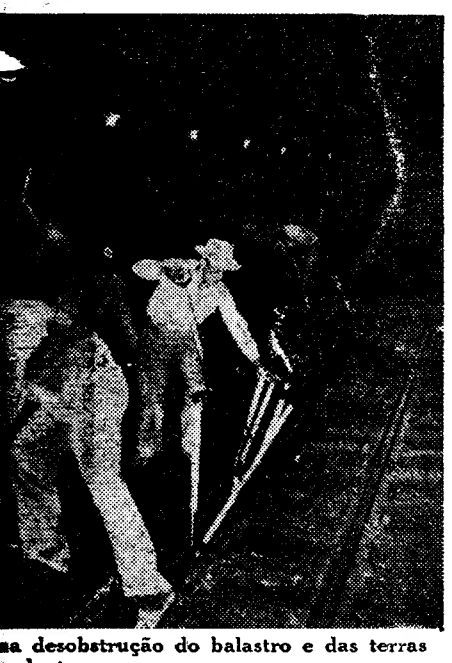
Foi encontrada uma granada por explodir numa sentina publica, no bairro marroquino de Boussir. Uma mulher marroquina, ferida por uma granada, na estrada de Mediouna, na segunda-feira, morreu — segundo comunicou a Policia.

Na noite passada, em Safi, foi disparado um tiro contra um padeiro hebraico, mas não o atingiu.—(F. P. e R.).

Já não há quem duvide!
Mas é bom sempre lembrar que quem vende aos melhores preços. Ouro. Pratas. Joias e Relógios e a Grande Ourivesaria
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós. 56

EDEN

(PARA ADULTOS)



na desobstrução do balastro e das terras
ndente

Três grandes "incêndios"

nos serviços municipais em Alcantara

constituíram hoje o tema de exercício

num concurso para chefe de bombeiros

Três grandes «incêndios» no edifício dos Serviços Técnicos da Camara Municipal, que hoje causaram certo reboliço em Alcantara, serviram apenas para despertar a imaginação de várias pessoas que viram avançar para o local o material de Sapadores Bombeiros.

Tratava-se de provas práticas de cinco candidatos ao concurso dos cargos de chefes de 2.ª classe da referida corporação. Nestes «incêndios» não houve chamas, não houve fumo, nem água, a não ser a da chuva que caía de quando em quando. Também se não juntou o costumado publico, que ocorre sempre a presenciar os trabalhos dos bombeiros quando há fogos a valer. Tudo decorreu como estava previsto, para a demonstração de provas práticas.

Os candidatos, que têm dado sobejas provas da sua competência, destreza e desembaraço perante fogos reais, todos eles procuravam dissimular o nervosismo de que se encontravam possuidos. E' que as provas teóricas não eram de facto das mais fáceis mesmo para quem está habituado a lutar com as chamas.

Os candidatos só conheciam o tema que tinham de desenvolver, quando eram chamados. Um dos membros do juri entregava-lhe um envelope fechado, que ele abria, lia e começava a dar execução real.

O tema do ponto n.º 2, tomava como local um prédio de dois pisos, com garagem no rés-do-chão e depósito de artigos eléctricos e de vidros no 1.º andar, com as seguintes características: o primeiro pavimento era de madeira e o 1.º andar era coberto de telha marselha. O rés-do-chão tinha acessos fáceis e no 1.º andar havia grande quantidade de palha e papeis de embalagem. Por improvidência de um empregado do depósito, que estava a confeccionar a sua refeição, derramou-se a lampada de alcool e incendiou-se palha de embalagens. O empregado deu alarme e conseguiu sair do depósito. Quatro companheiros que se encontravam no depósito não ouviram os gritos de alarme e ficaram com a retirada cortada. Estes correram ás janelas a pedir socorro, aflitos com o fumo. O fogo pôs em risco a garagem e a escada do prédio.

O candidato lê nervosamente o tema, reflectiu alguns segundos, olhou para o prédio e, não vendo vislumbre de chamas nem de fumo, ficou um pouco hesitante. Voltando a ler o ponto 2.º, deu ordens ao pessoal da ordenança para começo do ataque ao «incêndio».

Dirigindo-se ao carro próprio, comunicou pela T. S. F., para a central dos Bombeiros, as fases do «incêndio» e pediu reforços. Mandou também avançar dois autos de espuma, dois de nevoeiro, um auto-chefe de serviço, um pronto-socorro, um auto de protecção e reforço. Pôs a trabalhar dez agulhetas para água, duas de espuma, outra sobre a escada, outra sobre a cobertura do prédio do lado Norte, duas de 50, e mais duas de nevoeiro. Três quartos de hora depois do seu início, o suposto fogo estava extinto.

O candidato depois descreveu as disposições que tomara e a razão por que fez a montagem do serviço nas condições em que se encontravam á vista. O juri ouvia com a máxima atenção as explicações dadas e fez-lhe leves observações sobre a sua maneira de actuar.

Seguiu-se outra prova localizada numa oficina de reparações de automóveis com vários carros de diferentes marcas, uns sem motor, outros já devidamente reparados e prontos a sair e ainda outros aguardando reparação. Após uma explosão de gasolina, num dos locais da ampla oficina, um dos operários foi prostrado no solo, ferido e inanimado. São chamados os bombeiros.

O candidato tomou conhecimento do tema e entrou no local um pouco nervoso. Viu apenas de extraordinário um homem deitado de costas com as mãos a servir-lhe de travesseiro e encolhido entre uns carros, no local supostamente, envolvido pelas chamas. Mandou avançar com o pessoal que tinha á sua disposições duas agulhetas—cujo jacto dirigiu para onde se supunha estarem a desenvolver-se as chamas. Mandou, depois, armar a maca para condução do ferido numa ambulancia que requisitou, para o conduzir ao hospital.

O juri era composto pelo director dos Serviços Técnicos sr. engenheiro Judah Ruah e pelos 1.º e 2.º comandantes dos bombeiros srs. majores Ribeiro Viana e Rogério Cansado.

Estes interrogaram o candidato e observaram-lhe que devia socorrer imediatamente o ferido, ou mandá-lo socorrer pelo pessoal que o acompanhava, antes de mandar armar a maca para o conduzir. Por outro lado, a maca foi armada muito próximo das chamas. O juri discordou ainda de alguns pormenores técnicos.

O candidato procurou dar explicações da sua actuação, mas fê-lo um pouco nervoso e os arguentes, compreendendo o seu estado de nervos, fizeram-lhe ainda mais umas observações a que ele respondeu um pouco mais senhor de si.

O juri mostrou-se perfeitamente compreensivo, em face da dureza das provas.

Amanhã, em local ainda não determinado, há mais provas de exame para o lugar de chefe dos bombeiros.

Ao fundo, vê-se a unica abertura do tunel existente em Campolide

—Ainda bem!—exclamou um deles. Até que enfim acaba este Inferno!

E o outro acrescentou:

—Inferno para os passageiros e para o pessoal! Principalmente no Verão! Imagine que chegavamos a fazer trinta vezes num dia este percurso!

E o primeiro observou, com a expressão de quem se liberta de um pesadelo:

—E nesse tempo, todas as máquinas eram a carvão! Quando chegávamos a casa, não havia água suficiente para lavar completamente os corpos e as roupas, nem nada que nos fizesse desaparecer a rouquidão... Não há duvida de que esta é uma das melhores obras que se podia fazer, tanto para os ferroviários, como para o publico em geral.

A representação de Portugal na Feira de Paris

Portugal vai fazer-se representar na próxima Feira Internacional de Paris, que abre as suas portas no dia 14 de Maio na capital francesa, com a participação de muitos outros países. Por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação e com a colaboração directa da Casa de Portugal em Paris, a nossa participação no certame terá este ano um carácter eminentemente prático, de objectivos económicos, de modo a mostrar aos eventuais compradores dos nossos produtos as possibilidades das actividades produtoras nacionais, nos mais diversos sectores.

O assunto foi ontem ventilado, numa reunião amável promovida pelo representante da Feira de Paris em Portugal, sr. António Velho da Palma, que juntou num almoço várias entidades interessadas no êxito dessa representação, individualidades francesas e representantes da Imprensa.

Num ambiente muito agradável, trocaram-se impressões sobre os esfor os desenvolvidos para que a participação portuguesa na Feira de Paris constitua um verdadeiro êxito. Assim, o sr. Velho da Palma fez uma curta exposição sobre a importancia do certame e o nosso prezado camarada de Imprensa, José Augusto, actual director da Casa de Portugal em Paris, descreveu as diligências para que a nossa representação deste ano seja, ao mesmo tempo, de molde a prestigiar o País e a dar resultados práticos, no campo das relações comerciais luso-francesas.

Usaram da palavra os srs. Fallourd, conselheiro comercial da embaixada de França, que disse da sua satisfação por saber que se vai organizar uma boa participação de Portugal na Feira, e Carlos Debonnaire, que salientou o interesse turistico do empreendimento.

O sr. dr. Franisco Cortês Pinto, afirmou que a Associação Industrial Portuguesa, a que preside, dá todo o seu apoio á iniciativa do Fundo de Fomento e deposita todas as esperanças na compreensão que o director da Casa de Portugal em Paris manifesta, no sentido de dar á representação da nossa produção industrial toda a sua atenção.

Ficou, pois, perfeitamente esclarecido que a representação portuguesa no grande certame que se vai realizar em Paris será, não apenas uma manifestação de arte e de bom gosto, mas também uma demonstração da nossa capacidade industrial, naquilo em que pode interessar os visitantes da Feira.

Os tractores de puxar as redes na praia da Nazaré desiludiram Rossellini

Roberto Rossellini, que desde anteontem, se encontra no nosso País, onde veio estudar as possibilidades de realizar um filme, almoçou hoje na Cozinha Velha, do palácio de Queluz, a convite do S. N. I., representado pelo sr. dr. Fernando Paiva, alto funcionário daquele organismo.

Antes, porém, na companhia de jornalistas, entre os quasi François Truffaud, redactor dos «Cahiers du Cinema», que o acompanhou nesta visita ao nosso País, Rossellini percorreu o palácio e os jardins.

Tivemos oportunidade de com ele trocar algumas impressões sobre o seu projecto de realizar um filme em Portugal. Desde já devemos dizer, porém, que nas suas palavras notámos um tom reticente que nos fez crer que o conhecido realizador não ficara lá muito satisfeito com a sua visita. Começou por nos dizer que esta fora apressada e que, portanto, não poderia ainda tirar conclusões. Todos os elementos, disse, seriam estudados e então resolveria o que havia a fazer.

Do lado dizem-nos, no entanto, que Rossellini esperava encontrar uma praia mais rica de caracteres naturais, pois que, entre outras coisas, verificou, com decepção, que o trabalho dos pescadores é agora feito com o auxilio de tractores, que puxam os barcos do mar para a praia... E, de resto, nota-se um certo artificialismo no comportamento do agente do mar, já talvez demasiado habituada ao contacto com cineastas...

Em resumo: das palavras de Rossellini sobre a Nazaré tirámos a impressão de haver de sua parte pouco entusiasmo. Potencialmente, a paisagem humana é rica. Mas há também, por ali, demasiado folclore de pacotilha que a sensibilidade do conhecido cineasta logo apreendeu.

E' pena. E' de lamentar.

Sobre Alcobaça, que também visitou, Rossellini pouco disse e, quando lhe falámos da peça de Montherland, «Rainha Morta», disse que sim, que era uma possibilidade a estudar.

Perguntámos-lhe também se, na realidade, pensava em fazer um filme no nosso País. Que sim, que acalentava esse projecto, embora esta sua visita só pudesse ser interpretada como a viagem de um curioso. Nada há de definitivo.

Por ultimo, perguntando-lhe nós a sua opinião sobre os seus colegas italianos, disse-nos que a pergunta era um pouco embaraçosa e que não poderia responder, pois fazia uma vida muito isolada...

Projectos? Sim, havia alguns. Talvez um filme em Espanha — mas nada ainda de positivo.

E de positivo havia ali — vamos... — o almoço. Estava realmente a chegar a hora...

O industrial Alfredo Krupp

ofereceu um banquete ao dr. Ulisses Cortês

ESSEN, 9.—Constituiu um grande acontecimento do mundo da industria alemã o banquete que Alfredo Krupp ontem ofereceu em honra do ministro português da Economia e da senhora de Ulisses Cortês.

Durante a reunião, trocaram-se, entre o ministro português e o industrial alemão, afirmações de espirito de cooperação que, no campo económico, anima os dois países e que virá a reflectir-se, num futuro próximo, no rápido recrudescimento do intercambio comercial entre Portugal e a Alemanha.—(A. N. I.).

OUTRO NEVÃO

na Serra da Estrela

COVILHÃ, 9 *(Pelo telefone)*.—Caíu durante a noite, na Serra da Estrela, abundante nevão. A camada atinge, em certos locais, mais de 2 metros de espessura. A temperatura foi, durante a noite passada, de 13º5 negativos e hoje continua a nevar com intensidade.

Na cidade, á hora a que telefonamos, está a caír abundante granizo.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 13º,5; mínima, 4º,8.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 16º,7; mínima, 10,5.*

DINHEIRO A 6 %!...
Emprestamos s/ automóveis
no mínimo espaço de tempo
SIGILO ABSOLUTO NADA AVERBADO NO LIVRETE
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
COLHAM REFERÊNCIAS
PORTO
R. SA DA BANDEIRA, 10-1.º
Telef. 26706
LISBOA
PRAÇA DA ALEGRIA, 58
Telef. 35313

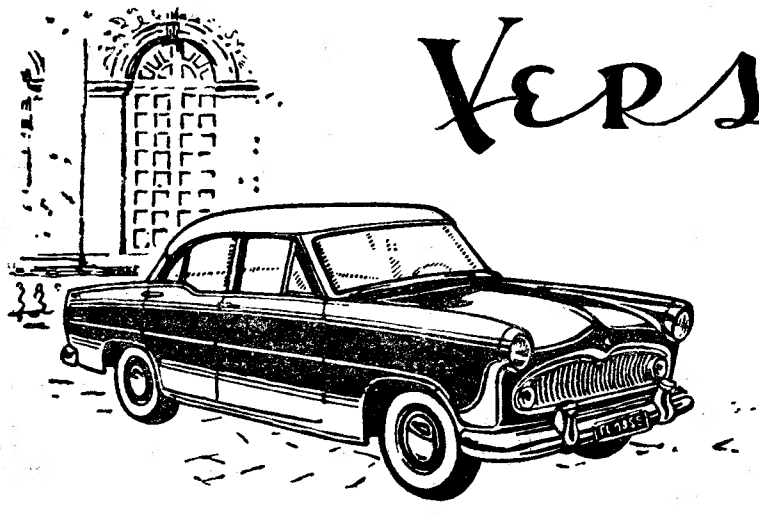
LEIAM O «SEMPRE FIXE»

A
LOJA DAS MALHAS
Rua do Carmo, 99
lembra aos seus clientes que os brindes a que se referem os seus convites são á sua escolha e correspondem ao valor de 50% das suas compras efectuadas no dia 16 de Março, data do XXII aniversário da sua fundação

STAND MODERNO (F. Nunes de Carvalho)

TENDO SIDO NOMEADO CONCESSIONARIO DISTRIBUIDOR VEDETTE PARA O SUL DO PAIS, TEM A HONRA DE

Apresentar o novo e Sensacional VERSAILLES



EM EXPOSIÇÃO

HOJE E DIAS SEGUINTES
DAS 10 AS 23 HORAS

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 5-A 5-B
LISBOA

Sociedade Geral

Para: **S. Vicente, Praia e Bissau (Via Leixões)**

O N/M «ALFREDO DA SILVA»
EM 10/3/55

Carrega para **Bissau** em 7 e para **C. Verde** em 8
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Para: **Matadi**

O N/M «MANUEL ALFREDO»
EM 16/3/55

Recebe carga em Lisboa no dia 15
Passageiros de 1.ª classe

Para: **Matadi, Anvers, Rotterdam (se convier) Bremen e Hamburgo**

O N/M «BRAGA»

Recebe carga nos portos de Angola até ao dia 10 do corrente

O N/M «BRAGANÇA»

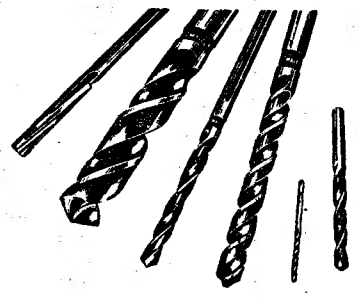
Recebe carga nos portos de Angola de 14 a 28 do corrente

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições em vigor ácerca do transporte de bagagens.

Tratar em:
LISBOA—Rua do Comércio, 39—Telefone 26314/5
PORTO—Rua Sá da Bandeira, 82—Telefone 27363

BROCAS SUECAS

MALCUS



Panelas Verdes

de pressão

Austria Email

não têm perigo e fazem cozinhados mais saudáveis

A' venda em todas as boas casas de utilidade doméstica.

Distribuidores: Apartado 910

EXPERIÊNCIA CONCLUDENTE para a sua beleza

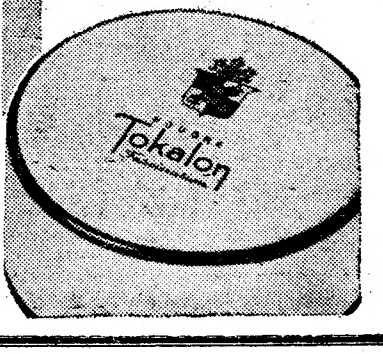
Verá que 8 vezes sobre 10 parecerá mais bonita.

Uma cor inadequada de pó de arroz dá-lhe uma horrível aparência dura, «maquilhada», que a faz parecer anos mais velha. O único meio de escolher o tom exacto que *lhe* convém, consiste em experimentar *gratuitamente* as novas «nuances» do pó de arroz Tokalon Fascination, seleccionadas especialmente para cada tipo de tez com uma extrema precisão, graças ao *cromoscópio*.

Envie hoje mesmo este vale ou escreva a Jalber, Lt.da, Serviço 11-A.

R.Com. Freire, 96, Lisboa, para receber a título absolutamente gratuito o saquinho-experiência dos 6 últimos tons da moda, com as indicações necessárias para descobrir muito ràpidamente qual o que lhe convém, aquele que a fará parecer mais nova, mais fresca, verdadeiramente mais bonita.

NOME .....
ENDEREÇO .....



Vida artística

Exposição de pintura de Maria Vinhal Costa

Maira Vinhal Costa pode considerar-se uma esperança da nossa pintura. E' agradável a sua exposição de óleos e aguarelas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Tem quadros que revelam uma personalidade—o mais importante em arte. Na verdade, em muitos deles, encontramos uma técnica curiosa: pincelada curta, fosca, mesmo um pouco áspera, em que os verdes ridentes alternam com tons escuros. Se nalguns quadros, como nas marinhas, o processo é discutível, nas paisagens, como «Barcaças encalhadas», em Paio Pires — onomástica, tal vez heroica, mas hoje assaz pouco bizarra essa maneira, digamo-lo sinceramente, resulta como impressionismo, ligeireza, frescura, rapidez visual e de factura. «A mulher das cebolas» tem certo carácter, mas o que atrai, sobretudo, o olhar, são as résteas dos bolbos, com volume fisionómico, diríamos, e as cascas rubincudas, crestadas de Sol.

Alguns aspectos românticos de Sintra, em que Maria Vinhal Costa sai um pouco fora da sua maneira. «Tranquilidade» (19) é outro bom quadro, em que se vê a água parada, dormente, e as margens, com arbustos ralos e pobres.

O melhor quadro, no entanto, bem estudado, desenhado, pintado é «Natureza morta»—de um realismo e de um cromatismo intensos. Boa peça de pintura a marcar um caminho á jovem e talentosa artista.

Exposição de Maria Barbosa Viana

Maria Emília Barbosa Viana, todos os anos expõe, no palácio das Belas-Artes. Reserva para si o aconchegado salão do primeiro andar. E' mais íntimo, embora prejudicado pelas escadas, de resto dois lanços que, fácilmente se escalam. Dir-se-ia que as proporções da quadra estão em relação com as suas miniaturas tão femininas, que fazem delirar as senhoras. Nisso, ela é exímia. Em menos de cinco centímetros quadrados, dá-nos «bibelots», leques, jarros, pratos da India, santos, tocados minuciosamente. Deve ser uma arte difícil. Ter uma mão segura e uma visão penetrante, porque não é a impressão que tem de se obter para ser vista a distancia, mas a materialidade dos objectos, quase estampados, que se examinam muito de perto. Temos de confessar, embora não gostemos do género, talvez pela sensação da exiguidade do espaço nos limitar, aprisionar, que tudo se mostra desesperadamente definido, na sua escala mínima. Vamos antes para a paisagem, duas das quais se admiram com interesse. A sr.ª D. Maria Emília Barbosa Viana, dá-nos uma tarde de Verão, com arvores de troncos finos, e raras folhas, por onde a luz perpassa em doiradas ondas. Sensação real, em que a artista nos transmite o que viu, envolvendo-nos naquela atmosfera ardente. As suas «Azalias», que parecem feitas á espátula, na espessura da tinta, são de um rubro fulgurante. Outro quadro ainda, supomos que o primeiro do catálogo, que está ao centro da parede á esquerda, onde a visão naturalistas da pintora teve uma hora sentida e compreensão.

Oleos de António Abreu

Será este o primeiro certame individual, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, de António de Abreu? Quer-nos parecer que sim. Quando um artista aparece sózinho, a responsabilidade é maior. Tanto se notam mais as suas qualidades como os seus defeitos. Para ele, inquestionávelmente, representa um triunfo. Como o alto de uma escadaria, mais ou menos longa que se subiu, e no cimo da qual o Sol ilumina a figura, marcando-lhe bem todos os relevos. Ei-lo!—exclamam os colegas e os admiradores.

António de Abreu tem reais qualidades. O seu presente, plásticamente, é melhor do que o seu passado. Deviamos prescindir de tal afirmação, que pode, até, parecer acaciana. E' evidente que raros começam muito bem, e não há quem nasça ensinado. A arte (já o disse alguém) é uma longa paciência, muito de labor, de tentativas, de duvidas, de crises, até se encontrar a senda rectilínea por onde se marcha rápido e vitorioso Mas compreende-se também que um artista ame, estremeça, as suas primeiras composições. Não fazem parte da sua vida? Não deixou nelas pedaços do seu coração, da sua emoção, da sua paixão? Quanto a nós, a melhor tela de António de Abreu é «A bilha de cobre», natureza morta, em que se sente a densidade da matéria, o ajustado de policromias e a unidade da sua composição, visto que nela entram outros motivos. Dir-se-ia que nessa obra, a cor do artista se renovou, é mais viva e efusiva.

António de Abreu gosta dos céus e mares frios e cinzentos, quase roxos, de que nos dá dois especimes tipicos: «Contra luz» (21) e «Dia frio» (4). São dos melhores da exposição, assim como certa «Tarde de tempestade». Noutros, ele precisa pintar menos sobre o desenho e não recortar tanto as figuras—pintura sobre pintura, não é verdade?

Exposição de aguarelas e desenhos ingleses do século XX

No dia 11, pelas 16 horas, inaugura-se, no Palácio Foz, uma exposição de aguarelas e desenhos ingleses do século XX. Esta será, depois, apresentada em Coimbra e no Porto.

O sr. O. P. S. Batty, que chegou há pouco de Londres para ocupar o seu lugar no Instituto Britanico fará uma conferencia, amanhã, ás 18 e 30, naquele instituto, subordinada ao tema: «A pintura da paisagem inglesa no principio do século XIX», e integrada numa série a realizar a propósito da referida exposição.

A exposição de João Reis

na Sociedade de Belas Artes

Dir-se-ia que, com a Primavera, todos os anos, a escola do Ar Livre, que mestre Carlos Reis enraizou, na pintura portuguesa, tal como uma árvore, majestosa e feliz, remoça, cobrindo-se das flores mais capitosas e das folhas mais frescas, esmeraldas gotejantes e luminosas, na arabescada renda das ramagens. Quase um símbolo! Extasiamo-nos, sorrimos, dizendo, ao entrar nesta grande exposição de João Reis, na Sociedade Nacional de Belas-Artes: já chegou a linda e feminina estação. Vem nua, esplendente de todas as graças, com o seu virginal corpo róseo, os pés de prata, e nos cabelos, desmanchados pelo vento, traz um sol de oiro, que envergonha o outro que parece agora escondido num alteroso castelo de nuvens cinzentas, lá para a barra do Tejo, com um rei avaro dos seus fabulosos tesouros.

João Reis não é, apenas, um notável pintor, Com as tintas todos trabalham, mas com a alma, o espírito, a sensibilidade, são raros. Não precisa ir muito longe para captar a beleza. Agora enamorou-se, romanticamente, da velha Lisboa, descobrindo nela uma nova Lisboa, de ruas pobrezinhas, becos pitorescos, cunhais historiados, escadinhas de presépio, pátios típicos, arcos sombrios, que é diferente de tudo quanto acé agora se tem interpretado plásticamente. Mas será isso possível?—inquirirá o leitor.

Não tenha duvidas! Vá até ao palacete da Rua Barata Salgueiro e verá como João Reis interpreta esta ferrusca urbe, não, apenas, materialmente, mas no seu mais íntimo carácter, em telas que sendo de hoje, parecem arrancadas ao passado. Deu-lhe um sentimento, uma expressão, em que os toques datinta são autênticos acordes musicais. O que há em Alfama de triste, mesmo de nostálgico, a eterna guitarra da saudade, os versos de Cesário, a alma marinheira, tudo isso se sente nos quadros de João Reis de uma maneira perturbante.

Outros pintores passaram por ali, mas só ele conseguiu, na verdade, definir essa emoção, sem nada sacrificar de real e objectivo.

Como que fundiu o romantismo da sua sensibilidade ao verismo daquele bairro castiço. Daí, o encanto com que vemos o *Beco da Galé*, com o rio tutelar ao fundo, a grimpa branca do templo, as janelas com sardinheiras; a *Calçadinha de São Miguel*, entre muros brancos, com qualquer coisa de mourisco; a *Igreja de São Miguel*, em «nuances» cinzentas, num impressionismo crepuscular; a *Calçada de São João da Praça*, em rubros e dourados, de tão aliciante harmonia, e ainda os becos de *São Miguel* e o das *Cruzes*, cada um com a sua fisionomia peculiar.

Alfama surge, assim, viva e poética, não transfigurada, mas evocada, directamente, por um artista como João Reis, que a compreende nos mais íntimos pormenores, na variedade das suas horas e das suas atmosferas.

Surpreende-nos a visão do colorista porque é nova. Ele prova-nos que os temas podem recriar-se, se quem os trata tem personalidade e talento—o seu caso!

Que pena muitas destas telas de João Reis não recolherem a um museu municipal! Bem o mereciam não, apenas, pelo seu virtuosismo técnico, mas pelo que, liricamente, nos revelam: quadros de Lisboa, outras tantas canções, em que a cidade encontrou o seu mago pintor.

Mas João Reis dá-nos outros aspectos da cidade. Os seus jardins, os seus parques em explosões maravilhosas de cor, verdadeiras «fecharies», que chegam a ofuscar a retina. O quadro «Geranios» com a sua massa floral e arbustiva, é dos melhores da exposição. Dir-se-ia que a sua paleta ardia, tocada pelas fulgurancias, pelas reverberações, pelas cintilações do Sol, quando o pintou! Vermelhos em delirio, oiro em fogo, vibrando, coriscando!

Lisboa, manhã, é uma autêntica apoteose. Vê-se a cidade, coroada pelas muralhas ameiadas do castelo, e em baixo, nos flancos do outeiro, casas e espessuras de árvores. E' bem a glória da nossa cidade! Como que a sua colina sagrada, da qual nos olham oito séculos de história. João Reis excedeu-se nesta tela, que nos faz erguer, prender os olhos, enamoradamente. No Pátio de D. Fradique, o magnífico pintor descobriu também curiosos aspectos.

Quase chegamos a perguntar: mas aquilo existe? Existe; a sua observação é que foi mais fundo do que a nossa, e soube extrair beleza do que nos parecia vulgar.

Notável esta exposição. João Reis atingiu o ponto mais alto da sua carreira. Podemo-lo considerar um verdadeiro mestre. Não queremos fechar esta rápida resenha sem destacar outra tela de João Reis: *Primavera em Monsanto*, com um céu estranho, fantástico, sombrio de tormenta, que nos lembra os famosos quadros de Turner.

Há que ver esta exposição e admirá-la, embevecidamente, em plena euforia!

As exposições de pintura e a falta de compradores para os quadros expostos são postas em foco pelo grande mestre Francisco Valença, na primeira página do «Sempre Fixe» desta semana.

Nas páginas centrais pontifica mestre Stuart de Carvalhais com três magníficos desenhos com a verve que lhe é peculiar e os cloboradores literários do costume alegram o simpático semanário com assuntos de flagrante actualidade.

Lembra-se aos leitores que continuam em pleno êxito as «Viagens maravilhosas de Julio Bera» e que os assuntos da Bola e de todos os desportos são humoristicamente focados.

Os problemas do Porto

(Continuação da 1.ª página)

e próprias, o prof. Correia da Silva queria-se, referir como é óbvio, ao tão debatido «*problema das ilhas*», cuja solução se tem lamentavelmente protelado de ano para ano. Por tanto ter acontecido há mais de meio século, foi que o já citado vereador portuense afirmou que estava «*em crer, que se criou á volta deste assunto, uma espécie de cinco conformismo perante tão dolorosa situação*».

Na verdade só um *cínico conformismo* pode explicar a manutenção, senão o agravamento das chamadas *Ilhas do Porto*, chagas sociais abertas no corpo da segunda cidade do País, capital da região mais progressiva e mais populosa da nação portuguesa.

A vergonha do Porto—como escreveu um jornalista do século XIX — as «Ilhas já não têm nesta segunda metade do século XX, qualquer justificação plausível. E' certo que—tal como foi decerto especialmente frisado pelo sr. Correia da Silva—*a despeito dos progressos obtidos em tal capitulo, com os bairros económicos e das afirmações de respeito pela dignidade da pessoa humana*», é de concluir que muito pouco de concreto e de positivo se tem feito, se tivermos em conta a magnitude do problema.

Como já afirmámos várias vezes e em vários locais, o problema habitacional das classes pobres e laboriosas do Porto não pode ser resolvido de animo leve, em termos mais ou menos demagógicos ou aleatórios. Nada vale construir um bairro aqui e outro ali, sob o rótulo pomposo de económico. E' preciso mais, muito mais. E' necessário um plano de conjunto, cuja aplicação deverá ser estudada em todos os pormenores da sua complexidade. E', na verdade, um problema que se coloca em vários campos: do urbanístico ao arquitectónico, do económico ao social, do higiénico ao humanitário.

Tem de ser uma obra de conjunto de várias equipas de técnicos: arquitectos e urbanistas, economistas e sociólogos, médicos, higienistas, administrativos, e até nele devem participar os próprios habitantes desses *alojamentos de condições infra-humanas*.

Já não é nem a primeira, nem a segunda, nem a vigésima vez que se pensa debelar esse mal e têm aparecido já alguns estudos exaustivos sobre o assunto, como aquele que foi apresentado pelo sr. dr. Azeredo Antas, ilustre clínico portuense já falecido. Esse trabalho embora ainda hoje válido em certos pormenores, já se encontra ultrapassado pela evolução da realidade social e das técnicas que medeou da data da sua publicação até hoje, a resolução concreta e positiva do problema tem de ser fruto de um trabalho de equipas todas concentradas e dirigidas por uma direcção unica.

O tempo de realização poderá ser em sucessivos escalões, mas o período cronológico total terá de ser marcado com antecedência, para evitar que as obras se arrastem por tempo interminável, como acontece com quase todas que se realizam nesta leal e invicta cidade.

Destruir as «Ilhas» em massa e construir bairros que as substituam, tem de ser uma obra simultaneamente realizada por etapas ou escalões, de maneira a proporcionar alojamentos humanos a todos aqueles que forem abandonando *as condições infra-humanas de alojamento* em que se encontravam actualmente.

Para custear esse «plano» dentro dum prazo cronológico préviamente determinado e certo, é também necessário não tão sómente o esforço camarário, o auxílio do Estado e até o aproveitamento da iniciativa particular, mas sobretudo recorrer a *medidas de emergencia* e certamente como mencionou o dr. Correia da Silva de maneira a evitar as consuetudinárias manobras dilatórias capazes de protelar a realização do «Plano», até ao esgotamento das habilidades daqueles que aparecem sempre a colocar o seu interesse individual acima do interesse colectivo da Nação, do Povo, da Pátria, embora com as palavrinhas doces e mistificadoras próprias de tais ocasiões.

Se tantas vezes citamos as palavras do Prof. Correia da Silva foi não só pelo desassombro e clarividencia que elas encerram, mas ainda e sobretudo, pelo lugar que desempenha a pessoa que as pronunciou. E' natural que desta feita não sejam só palavras, que as mãos sejam lançadas á obra.

Se o Século XIX for o Século do Indivíduo, do Cidadão, o Século XX é o Século do Social, do Cidadão (aproveitando a conquista humanística do século anterior) mas integrado nos interesses superiores do Povo, da Nação e da Pátria, que deixaram de ser metaforas do dicionário político para ser realidades concretas duma nova sociedade aberta a todos as perspectivas progressivas do Futuro.

RAMOS DE ALMEIDA

VIDA RELIGIOSA

Comunhão pascal das raparigas

Na basílica da Estrela, realiza-se, no próximo domingo, ás 9 horas, a comunhão pascal colectiva das raparigas. As práticas preparatórias realizam-se hoje, amanhã e depois, a partir das 19 horas, naquela igreja, onde todos os dias se efectuam confissões que, na sexta-feira e no sábado, começarão ás 8, prolongando-se até ás 16 horas.

Imagem de N.ª Sr.ª de Fátima para S. João da Terra Nova

No próximo dia 13, o sr. bispo de Leiria abençoará, no Santuário da Cova da Iria, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que os pescadores bacalhoeiros portugueses vão oferecer á catedral de S. João da Terra Nova, como testemunho da gratidão de todos pelo bom trato e muitos benefícios que sempre ali têm recebido.

Procissão do Senhor dos Passos em Aldeia Galega da Merceana

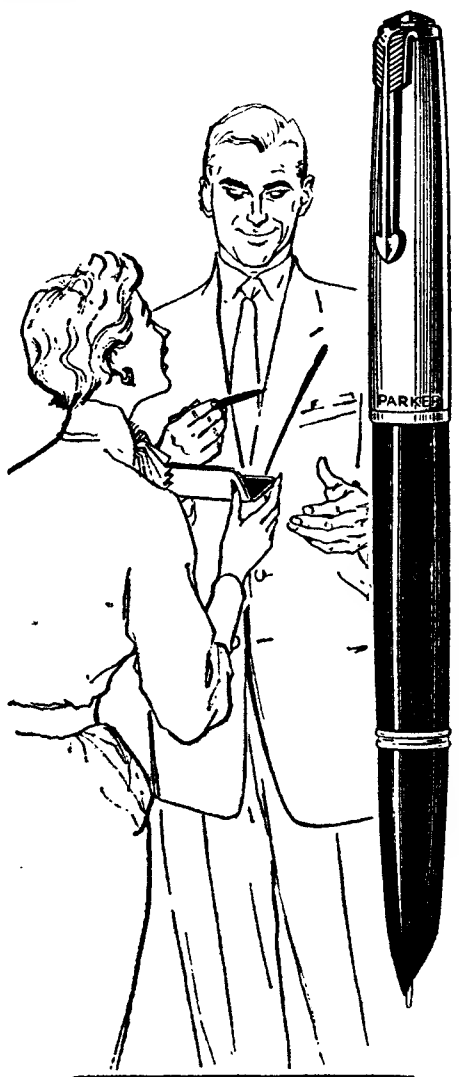
Realiza-se no próximo domingo, pelas 16 horas, em Aldeia Galega da Merceana, a tradicional procissão do Senhor dos Passos, que costuma ser muito concorrida.

Visitas reais à Nova Zelândia

WELLINGTON, 9. — O primeiro-ministro da Nova Zelandia, Sidney Holland, disse, hoje, que conversara tanto com a rainha Isabel como com a rainha-mãe sobre a possibilidade de novas visitas reais á Nova Zelandia, quando esteve, recentemente, em Londres. — (R.).

O terrorismo na Malásia

KUALA LUMPUR, 9. — Polícia malaia matou seis terroristas, num recontro em Pantai, próximo de Seremban, 65 quilómetros ao Sul desta cidade. Crê-se que eram membros de uma quadrilha que aterrorizava aldeias e suburbios á volta da cidade, que é a capital do Estado de Negri Sembilan. Reuniu-se grande multidão em frente da esquadra de polícia de Seremban, hoje, ao serem trazidos os cadáveres para identificação. — (R.).



Escolha uma prenda
que dá
anos de prazer!

Parker "51"

Com pontas electro-polidas
... as pontas mais suaves feitas até hoje!

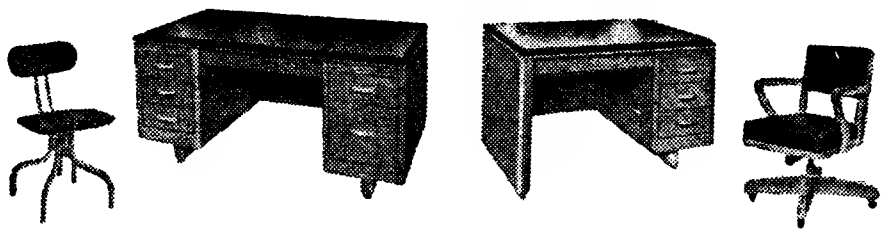
Oferecer uma Parker «51» é oferecer o mais suave objecto de escrita, pois as pontas electro-polidas, exclusivas da Parker, eliminam todas as asperezas. Ofereça a linda e deslizante Parker «51»! Diferentes aparos à escolha.

Para melhores resultados nesta e noutras canetas use Parker Quink, a única tinta que contém solv-x.

PREÇOS Caneta PARKER «51» Dourada: Esc. 600$00 — Conjunto Esc. 885$00
Caneta PARKER «51» Lustraloy: Esc. 500$00 — Conjunto. Esc. 725$00

Representantes exclusivos:
PAPELARIA DA MODA
António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa

0-291
6040-E



MATERIAL EM AÇO PARA ESCRITÓRIO
"SEEL"

Uma Indústria Nacional...

que apresenta todos os tipos de mobiliário e ficheiros em aço, de características modernas e práticas

A construção e robustez de todo o nosso material garantem um trabalho eficiente e longa duração.

CONSULTE-NOS E VISITE O N/ STAND

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LD.ª
LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º — TELEFONE 24986
PORTO: A. LENCASTRE & SOUSA — RUA DE SANTO ANTONIO, 216-220

COMPANHIA
CCN **COLONIAL**
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DA ÁFRICA	
«IMPÉRIO» 19 DE MARÇO	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se convier).
«GANDA» 25 DE MARÇO	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Santo António do Zaire, Luanda, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.**
«SERPA PINTO» 2 DE ABRIL	Para: **Luanda e Lobito.**
«BENGUELA» 15 DE ABRIL	Com escala por Leixões, para: **Luanda, Porto Amboim** (se convier), **Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia** (se convier).
«UIGE» 16 DE ABRIL	Com escala **prévia por Leixões**, para: **Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa em 11 e 12 de Abril.
«PATRIA» 19 DE ABRIL	Com escala por Funchal, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se convier).
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 8 DE ABRIL	Com escala por **Funchal**, para: **Las Palmas, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 22 DE MARÇO	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao e Havana.**

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA—Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telf. 23342

Banco de Portugal

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada
CAPITAL ESC. 100.000.000$00
Sede—R. do Comércio, 148—LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A sessão periódica da Assembleia Geral Ordinária há-de realizar-se no dia 31 do corrente mês, pelas 15 horas, no edifício do Banco, para discutir e deliberar sobre o balanço, relatório, proposta para a distribuição dos lucros líquidos e mais documentos apresentados pelo Conselho de Administração; discutir e votar o parecer do Conselho Fiscal; discutir e votar a proposta do Conselho Geral referente a novas pensões concedidas; eleger a Comissão de três accionistas que tem de fixar os honorários dos vogais do Conselho Fiscal e dos Administradores do Banco; e, bem assim, proceder á eleição de membros do Conselho Geral do Banco.

Os livros gerais do Banco estarão patentes aos Srs. Accionistas nos quinze dias da lei.

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, em 4 de Março de 1955.

O Secretário
Vergílio Ramiro Leão

HIPOTECAS
FAZ-SE AUTOMÓVEIS OU PREDIOS - RAPIDO - SIGILO
A FINANCIADORA
TELEF. 24446 — LISBOA

António José de Almeida Lima

ENGENHEIRO

A gerencia da Empresa Eléctrica de Lisboa, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito amigo e sócio, pelo que será rezada missa do 7.º dia, amanhã, quinta-feira, 10, ás 11 horas, na igreja de Benfica.

OLIVAES
POÇO DE CORTES

Manuel de Oliveira Pacheco

FALECEU

António de Oliveira Pacheco, sua mulher Julia Lopes de Oliveira, Adelino de Oliveira Pacheco, Manuel Lopes de Oliveira Pacheco, Maria Luísa Lopes de Oliveira Valadares, e seu marido, Maria Albertina Lopes de Oliveira Pacheco, e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da sua residência Quinta da Peça-a Poço de Cortes, para Jazigo no Cemitério dos Olivais.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129-A
Telefone 51586

Manuel Gonçalves Samora Junior

MISSA DO 7.º DIA

Sua familia participa que amanhã, pelas 8 horas, será celebrada missa, pelo seu eterno descanso, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

PENDULO FATAL

TODAS as tardes, Joãozinho vem ver os tios, que não têm já nenhum filho. Sempre que o Joãozinho vem a casa deles corre como um louco por todos os corredores, desarruma móveis, remexe os livros, parte objectos... Os tios perdoam-lhe todas as traquinices, mas a criança aborrece-se; brincar sózinho não é divertido.

Se tivesse outra criança com quem brincar, passaria a tarde mais alegremente.

Nas correrias pela casa, Joãozinho entra também pela cozinha dentro, onde a cozinheira, que é nova no serviço, está preparando a comida.

Ao ver entrar o pequeno, a mulher larga o que está a fazer e fita-o com um longo olhar, fixo, perscrutador. Em seguida aproxima-se dele, devagar, e, silenciosamente, senta-se e senta-o sobre os joelhos. E depois de ter estado a contemplá-lo por uns momentos, os seus olhos humedecem-se e deles começam a cair lágrimas...

Porque chora esta boa mulher sempre que, todas as tardes coloca o Joãozinho no seu colo e o olha fixamente, com um olhar longo e intenso?

Em casa repararam já nesse choro silencioso da boa mulher.

Mas não sabem explicar a sua razão.

Ela vive só. E' solteira.

Não tem pais, e os seus parentes vivem num povoado, a bastantes léguas de distancia.

Pouco a pouco, o tio do Joãozinho, que gosta de decifrar mistérios psicológicos, vai aclarando intimamente esse problema dos choros silenciosos.

Um dia chama a cozinheira.

Ela aproxima-se inquieta e entra na sala onde a esperam.

— Paula — diz-lhe o amo, afectando grande severidade — sei que você chora todas as tardes, quando o Joãozinho vem aqui, e que na cozinha lhe faz muitos afagos. Não compreendo essas lágrimas. Você é solteira. Não pode, portanto, evocar, ao ver o menino, a recordação de outra criança. Tenho o direito de saber que mistério se esconde nesse choro.

A boa mulher fica surprendida; não acerta com o que dizer... Pronuncia, por fim, algumas palavras incoerentes...

O amo escuta-a, fingindo a mesma severidade de há pouco.

Lentamente, com o trabalho, o mistério vai-se aclarando.

O mistério é coisa corrente, de todos os dias...

Sim, desgraçadamente, para as mulheres infortunadas, desválidas, desamparadas, o mistério é coisa corriqueira...

— Paula! — grita por fim, abruptamente, o senhor. — Isso é incorrecto! A senhora enganou-nos!

Paula treme, geme, chora. As mãos estendem-se suplicantes para o terrivel senhor.

Subitamente, o amo exclama:

— Paula, dê-me as suas mãos! Assim, as suas mãos nas minhas. Não chore mais! Amanhã irá buscar seu filho. Ele virá para aqui, para brincar com o meu sobrinho... Olharemos por ele para que não passe necessidades.

* * *

Há em alguma parte — fora do tempo, na Eternidade — um pêndulo misterioso, inexorável, que marcha entre duas pessoas, de um lado para outro, lento, implacável, e que une as vidas e as separa!

Na Eternidade, obedecendo a leis que não conhecemos, duas pessoas são unidas pelo afecto, pela desgraça e depois separadas pela adversidade, pela morte.

Com um ritmo de dor ou de alegria, ou de tragédia, ou de morte, o pêndulo vai de um lado para outro, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

As duas pessoas cujas vidas estão reguladas por êsse pêndulo marcham pelo Mundo, têm negócios, amam, ambicionam, sentem tristezas, exaltam-se com alegria e, cronométricamente também, com regularidade fatal, chega o momento em que se aproximam, se unem, e uma faz a desgraça ou a fortuna da outra.

João Grinon e Pedro Maillo brincam muito, juntos, os dois sós, desde crianças.

A casualidade os uniu. Anos permaneceram na mesma casa. João ia todas as tardes visitar os tios. Pedro era filho da cozinheira, a boa mas infortunada mulher.

Passaram-se alguns anos.

Pedro recebia a primeira educação em casa dos tios de Joãozinho. Nada lhe faltava. O pequeno era afectuoso e inteligente.

Um dia, ao fim de muitos anos, numa povoação distante, morreu um parente de Pedro. Era um parente rico, que, em vida, jamais perdoara a falta, a queda, o infortunio da boa mulher, de Paula, a cozinheira. Ao morrer, arrependido da sua crueldade, legou toda a sua fortuna a Paula.

E Paula e Pedro partiram para a terra distante...

* * *

— Olá, senhor... Um momento!

O comandante do navio pôs delicadamente a mão no ombro do passageiro.

O navio está por pouco para se afundar.

Na coberta do paquete reina uma espantosa confusão. A's primeiras horas da noite, depois de jantar, enquanto a orquestra tocava no salão e os passageiros, fumando e conversando, se encontravam cómodamente recostados nas amplas poltronas, ouviu-se um estrépito formidável. O vapor abalroara com um rochedo, contra uma enorme massa de gelo, contra outro barco?

No primeiro momento nada se sabia.

Ao torpor seguiu-se o espanto.

Um momento antes tudo era sossego, placidez, bem estar.

Cada passageiro, independentemente dos demais, levava, no tempo, uma rota ideal: rota de prazer ou de dores.

O acaso os tinha reunido neste vapor, sobre a imensidade do mar.

Idealmente, com os olhos do espírito, poderiamos ver que do sumptuoso salão do navio, onde

TEXTO INTEGRAL
do conto de
AZORIN

os passageiros se achavam reunidos, saiam em todas as direcções, até á Europa, até á América do Norte, até aos confins do Mundo, como que fios invisiveis, subtis, que se cruzavam e entrecruzavam no espaço e representavam a vida de todos esses homens.

E agora, repentinamente, mão poderoso e invisivel tinha caido com violência sobre o barco, e, ao cair, perfurara, fundira, despedaçara a rede subtil e inapercebivel de todos esses fios.

Quantos desses fios iam ficar despedaçados com a espantosa perfuração da malha?

Quantos, por mais feliz acaso, iam ficar ilesos?

— Olá! Cavalheiro! Um momento...

E o comandante do paquete coloca suavemente a mão sobre o ombro de um passageiro que, entre a terrivel confusão, luta para agarrar um dos barcos de salvação. Ele volta-se para o comandante.

—Não tenha pressa, senhor. E' necessário um pouco de calma, ainda que nestes momentos seja dificil estar tranquilo — diz o comandante, com energia.

— Não posso! Não posso! grita o passageiro a quem aquelas palavras são dirigidas.

— Calma! Calma! — torna a repetir o comandante, acrescentando logo: — Há barcos para todos. Espere um momento. Não tenha medo. Deixe passar estes passageiros. O senhor irá naquele barco que estão a preparar.

— Naquele... dali? — pergunta o outro, alongando a vista pela coberta do paquete.

— Sim, sim. E' o ultimo barco, o ultimo. Mas será o mais vazio. Poderá ir nele sem o menor perigo.

— Sem perigo? — volta a perguntar o homem, cheio de espanto. E ao fazer a pergunta, o seu olhar pousa com insistência no rosto do comandante.

— Temos tempo de sobejo! — conclui o comandante com a maior serenidade.

O passageiro, que se chamava João Grinon, observava a fisionomia do comandante do navio. Do fundo do seu subconsciente, remontando ao passado, saira da bruma do seu espírito uma vaga recordação. Em presença deste homem sente-se profundamente comovido.

— E o senhor, capitão? — pergunta após um momento de silêncio.

— Eu, não se preocupe, senhor...

— De quem deverei recordar-me sempre?

— Do comandante do «Hispania».

— A quem deverei agradecer este auxilio supremo?

— O meu nome não importa.

— Capitão, peço-lhe... Desejo saber o seu nome.

— O meu nome é Pedro Maillo!

* * *

Em alguma parte, algures, no espaço e no tempo, quatro paredes que formam um quarto e outras que formam outro. Há no Céu azul, azul umas vezes, cinzento outras e outras, caminhando por ele, lentamente, umas nuvens brancas.

Na imensidade dos afazeres humanos, no turbilhão imenso dos acasos da humanidade, estas quatro paredes de um lado e as quatro paredes do outro, guardam, como sofres herméticos, os afãs e os acasos das vidas.

No meio da voragem das alegrias e dos sofrimentos — de eternidade para eternidade; da eternade do passado para a do futuro — estes dois cubos de paredes brancas, fechados, contêm, num segundo, entre as duas eternidades, o respirar de duas vidas.

O Céu, com a sua imensa quantidade de mundos iguais ao nosso. Turvando tudo, matéria e espírito, o mistério. E no planeta frágil, quebradiço, estes dois cubos fugazes de quatro paredes, um de um lado, outro do outro.

Num dos compartimentos, um homem, Pedro Maillo, sofre a turtura dos ciumes. A sua vida vai ser aniquilada. Depois de caminhar tanto pelo Mundo, de lutar imenso, tinha chegado até ele um pouco de felicidade... Mas, agora, essa felicidade começava a dissipar-se. Sim, Pedro sofre a turtura dos ciumes: no ambito daquelas quatro paredes vai experimentando, pouco a pouco, toda a amargura da sua desgraça. As quatro paredes contêm, encerram meditações dolorosas, abstracções de profunda melancolia, momentos de ira, cóleras terriveis, desilusões, projectos fugazes de suicidio. O cubo dos muros herméticos, entre a voragem das multidões, sobre o planeta frágil, marcha — durante um segundo — até á eternidade...

No outro compartimento, respira-se a alegria, a voluptuosidade, a satisfação de viver. João Grinon não sabe quem é esta mulher que lhe proporciona a felicidade, uma felicidade passageira, mas nem por isso menos intensa nem menos certa. O acaso da vida fez que estes dois seres se encontrassem. Um não sabe nada do outro. O que interessa é a aventura e o amor.

Em cima, o Céu azul, cinzento, sulcado por nuvens brancas. Atrás e adiante, a eternidade. E nos dois compartimentos desenvolve-se, no espaço de um segundo, a vida, a vida de dois seres, de três seres, sobre o planeta frágil.

Um dia, a alegria é profunda, gratissima, entre as quatro paredes dos dois amantes. Dir-se-ia que, no tempo e no espaço, se cristalizou, por milagre unico, a felicidade.

Será um momento, nada mais. A vida continuará depois, com uma mistura de alegrias e de dores, mas, neste instante, nada há que ofusque a limpidez dessa cristalização...

O silêncio, a paz, a alegria, a perspectiva risonha do porvir, a evocação grata dos principios do amor impuro, tudo, enfim, torna imenso e unico este amor.

Repentinamente, na paz deliciosa deste momento, no silêncio maravilhoso, quebrando a delicada voluptuosidade, soa um tiro.

Foi no quarto ao lado, na escada, na rua, sob as janelas?

Um homem caiu morto. Suicidou-se: chamava-se Pedro Maillo...

O pêndulo — no infinito — oscilava da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. fatal, inexorável... E, nessa hora, trouxe a morte para um dos dois seres que a sua marcha inexorável unia.

VIDA MUNDANA

PRÍNCIPES MARIA PIA E ALEXANDRE

No avião que, vindo do Funchal, amarou ás 11 e 45, em Cabo Ruivo, chegaram a Lisboa os principes Maria Pia e Alexandre, após a sua estadia de «lua-de-mel» na Ilha da Madeira. No cais encontravam-se algumas dezenas de pessoas que saudaram os viajantes, os quais manifestaram a agradável impressão que receberam durante a sua permanência naquela ilha. Aguardava-os um representante da Casa de Itália. Depois de cumpridas as formalidades, os principes seguiram de automóvel para a «Vila Itália», em Cascais.

ANIVERSARIOS

Faz hoje anos, a sr.ª D. Ana de Cais Esteves.

NOTÍCIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 6—A Empresa de Pesca de Aveiro, uma das nossas mais importantes organizações industriais e comerciais do género, que há pouco comemorou as suas «bodas de prata», conforme oportunamente noticiamos, reuniu, num almoço, a comissão organizadora da homenagem que por essa ocasião lhe foi prestada, e os representantes da Imprensa diária e local, aos quais agradeceu o interesse que tomou pelas comemorações.

O repasto, que decorreu nas Termas da Curia, efectuou-se sob a presidência do sr. Egas Salgueiro, que foi o primeiro a usar da palavra, seguido pelo sr. dr. Alberto Soares Machado, pela comissão em referência, e pelo sr. Amandio Costa, em nome da empresa. Por fim falou o sr. dr. David de Cristo, em nome dos semanários «Litoral» e «Correio do Vouga».

ASSEMBLEIAS GERAIS

da Companhia dos Tabacos de Portugal e Portuguesa de Tabacos

A Companhia dos Tabacos de Portugal reuniu hoje, ás 14 e 30, em assembleia geral ordinária para discutir e votar o balanço contas e relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao ano de 1954. O resultado liquido apurado foi de 2.298.003$64, sensivelmente o mesmo do exercicio anterior, com o dividendo de 21$30 por acção.

A's 15 horas, reueniu, também, e com o mesmo fim, a Companhia Portuguesa de Tabacos, com um saldo de 19.121. 052$16, cabendo ao Estado 4.671.631$10 e sendo o dividendo de 28$20 por acção.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Recebemos do sr. dr. Manuel Lourinho, governador civil de Portalegre, amável ofício de agradecimento ao «Diário de Lisboa» pela colaboração prestada pelo nosso jornal áquele Governo Civil, por ocasião da recente visita do sr. ministro das Obras Publicas ao respectivo distrito.

MOBILIAS

Quarto ou Casa Jantar em castanho ou mogno 3.300$. Em contraplacado 2.800$. Em castanho e eucalipto 1.800$. T. Fieis de Deus, 69 (á esquina da Rua da Rosa).

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

DESPORTOS

Á esquerda, a Selecção Nacional A que treinou hoje no Vale do Jamor: no 1.º plano, da esquerda para a direita, Matateu, Coluna, Travaços, Martins e Albano; no 2.º plano, Gomes, Carvalho, Pedroto, Virgilio, Passos, Caiado e Dimas. Á direita, a Selecção B que defrontou o grupo A: no 1.º plano, da esquerda para a direita, Baptista, Faia, Sérgio, Gabriel e José Pedro; no 2.º plano, José Pereira Caldeira, Vicente, Orlando, Wilson e Galaz

HOJE, NO VALE DO JAMÔR

O desafio-treino das Selecções A e B

teve uma primeira parte agradável

de valia técnica e movimentação colectiva

Esta manhã, no relvado de treinos do Estádio Nacional, defrontaram-se as equipas constituídas pelos jogadores até agora convocados para as selecções A e B de Portugal. Orientou, como de costume, os trabalhos preparatórios o dr. Tavares da Silva, seleccionador nacional, coadjuvado pelo treinador Augusto Silva, que dirigiu a partida. Esta desenrolou-se em duas partes de 30 minutos. Presentes estiveram ainda os srs. dr. Conceição Gil, director-tesoureiro da Federação de Futebol; Trabucho Alexandre, seleccionador nacional de juniores; dr. Mesquita Guimarães, médico das equipas, e Manuel Marques, massagista.

Dos jogadores convocados, faltaram Vasques, do Sporting, e Monteiro da Costa, do F. C. do Porto, por se encontrarem doentes; e, embora tivessem comparecido, não puderam tomar parte no desafio-treino, devido a lesões, os jogadores do Benfica Costa Pereira e Angelo.

As selecções formaram:

A—Carlos Gomes (na segunda parte, Barrigana); Virgilio e Carvalho; Caiado, Manuel Passos (na 2.ª parte, Emídio Graça) e Pedroto; Dimas, Matateu, Coluna, Travaços e Martins (na 2.ª parte, Albano).

B—José Pereira; Caldeira e Galaz; Vicente, Wilson (na 2.ª parte, Artur) e Orlando; Baptista, Faia, Sérgio (na 2.ª parte, Gabriel), Gabriel (na 2.ª parte Correia) e José Pedro.

De maneira geral, o vento, que por vezes soprou com violência, prejudicou a acção dos jogadores, e ainda mais quando, no segundo período, caíu sobre o terreno uma bátega gelada. Todavia, as equipas aplicaram-se no treino, com a evidente disposição de executar bem os vários pormenores do jogo, antes do qual os jogadores foram submetidos a uma sessão ginástica gizada em especial para futebolistas pelo profesor José Esteves.

Na primeira parte, o grupo *A* alcançou um golo, por intermédio de Fernando Caiado, com um forte remate, a beneficiar, na eventual posição de interior-esquerdo, de um passe de Coluna.

A equipa *B* replicou de maneira satisfatória, por vezes auxiliada, até certo ponto, pela ventania.

No segundo tempo, a equipa *A* exerceu pronunciado domínio, pelo que os seus avançados estiveram constantemente em foco, tendo a oportunidade de disparar remates de boa marca. A defesa adversária poucas vezes pôde contrariar tal domínio embora visse a sua acção facilitada quando os dianteiros contrários, no centro do terreno, trocavam passes com o objectivo de abrir brechas para a execução de remates desferidos com a melhor conta. Quer dizer: os dianteiros raramente quiseram tentar o caminho da perfuração, dos rasgos individuais, até o próprio Matateu! Chegaram, no entanto, com certo á-vontade, á marca de 4-0, sendo os três golos do segundo tempo apontados por Dimas, depois de uma troca de passes entre Travaços e Coluna; por Matateu, que, isolado, recebeu a bola de Travaços; e por Coluna, que, á entrada da grande-área, disparou fortíssimo remate, indefensável.

Prestes a findar a partida, a equipa *B*, que nunca despresou as ocasiões de contra-atacar com entusiasmo, pôde fixar o resultado em 4-1, mercê de uma tentativa de Gabriel, coroada de êxito, pois nem a decidida intervenção de Barrigana foi suficiente para evitar que a bola chegasse ao fundo das redes.

Algumas referências individuais, relativas apenas aos elementos que mais se distinguiram: Caiado, um médio incisivo e que contiua a prestar a melhor colaboração á linha avançada; Manuel Passos, sóbrio de processos e exibindo personalidade e a segurança a que aliás nos acostumou já; e Coluna, um *centro-dianteiro* de bom aspecto físico, de remate perigoso e muito desejoso de conquistar o honroso posto na selecção nacional. Os outros elementos da *A* não destoaram, porém. Fácil labor do guarda-redes e dos defesas laterais e movimentação consciente e hábil dos avançados (ensaio dum dispositivo de ataque novo).

No grupo *B*, José Pereira teve o ensejo de executar boas defesas; Caldeira e Wilson sobressairam no sector recuado; Vicente foi o melhor componente da linha intermediária e, entre os dianteiros, Faia, mais desenvolto, confiante e decidido, feriu mais as atenções.

O próximo desafio-treino

Quarta ou quinta-feira próximas, a selecção B de Portugal também deverá defrontar, no Estádio Nacional, em desafio-treino, a Selecção Militar. A esta deverá ser chamado Costa Pereira, guarda-redes do S. L. Benfica, que se apresta para cumprir deveres militares. A selecção A não treinará na próxima semana, mas apenas na seguinte.

Organização desportiva

O funcionamento dos congressos e das assembleias gerais

Publicamos o seguinte despacho da Direcção-Geral dos Desportos:

«Em virtude de terem surgido duvidas quanto ás entidades com capacidade para tomar parte nos trabalhos dos Congressos e Assembleias Gerais, respectivamente das Federações e *das Associações Regionais*, o director-geral, em seu despacho de ontem, determinou que, para os devidos efeitos, se comunique a essa Federação ter sido estabelecido que *sòmente sócios colectivos podem tomar parte naquelas reuniões.*

Nesta conformidade, em tais actos não devem ter quaisquer direitos os sócios de mérito e os sócios honorários.

Em cumprimento de tal disposição devem considerar-se emendados os estatutos que consignem disposições em contrário».

FUTEBOL

Portugal-Espanha na Taça Latina

PARIS, 9—O calendário da Taça Latina, designa para 22 de Junho o encontro Portugal-Espanha.—(Efe).

HÓQUEI EM PATINS

Começa hoje a disputar-se a taça «Vítor Lemos»

Começa esta noite a disputar-se o torneio dotado com a Taça «Vítor Lemos», organização que se destina a preencher a lacuna aberta na época oficial, entre a Taça de Honra e o campeonato regional.

Os clubes da 1.ª divisão continuam, assim, em actividade, servindo ainda a prova que hoje se inicia de complemento á preparação dos jogadores seleccionados, todos integrados em equipas que concorrem ao torneio.

A média de uma jornada por semana, até ao fim de Março, e um pouco mais depressa após a Taça das Nações, em Montreux, teremos prova que só acabará em 3 de Maio, começando então o campeonato regional do Sul, se valer a pena, pois o campeonato do Mundo está previsto para meados daquele mês.

Vamos a ver se a ideia de preencher o interregno da época com mais uma competição não trará, além da sobrecarga de jogos, o inevitável prolongamento do período de actividade com o consequente sacrifício do defeso.

A primeira jornada da Taça «Vítor Lemos» compreende os seguintes encontros:

Amadora—Benfica
C. Ourique—Oeiras
C. U. F.—Cascais
Paço de Arcos—Mundet
Sintra—Futebol Benfica

Os jogos terão início ás 21 horas e a sua duração de 30 minutos.

A prova é disputada nos moldes usuais da Taça de Honra, dentro dos regulamentos da Associação. Os sócios dos clubes concorrentes beneficiam do desconto de 50 % sobre o preço de qualquer bilhete.

BAPTISTA PEREIRA

é esperado no dia 13 em Salvador

SALVADOR (Baía), 9—Baptista Pereira, que é esperado aqui no próximo dia 13, a bordo do «Vera Cruz», realiza a sua primeira prova no próprio dia da chegada, entre Aratu e o Iate Clube, na distancia de 23 quilómetros. No dia seguinte, faz outra prova, esta de 50 quilómetros, nadando de Alambique, na Foz do Paraguaçu, até ao Farol da Barra. Anuncia-se, por outro lado, que Baptista Pereira não realizará a prova Cachoeira-Salvador, de 80 quilómetros, devido ás dificuldades levantadas pelo regime de marés.—(A. N. I.).

BASQUETEBOL

A Espanha venceu a Suiça

LAUSANNE, 9—A Espanha venceu a Suiça por 60-48, num encontro de basquetebol cuja 1.ª parte terminou com 28-21 a favor dos Espanhois.—(Efe).

Sport Lisboa e Benfica

JÔGO BENFICA – SPORTING, NO DIA 13, NO ESTÁDIO DO BENFICA

(O DIA DO BENFICA)

Avisam-se os Srs. associados que, de harmonia com a resolução tomada oportunamente em Assembleia Geral, a Direcção resolveu realizar o **«Dia do Benfica»** na data acima referida.

Assim, os Srs. associados terão de munir-se de um bilhete especial para ingresso no citado jogo, cujo levantamento deverá ser feito na **Rua Alves Correia, N.º 9-loja**, nos dias 9, 10, 11 e 12, das 10.30 ás 13, das 15 ás 19,30 e das 21,30 ás 23,30 mediante a apresentação do respectivo cartão de sócio e da quota do mês de Fevereiro findo, esclarecendo-se, para o devido conhecimento, que no Estádio não será feita a entrega dos referidos bilhetes especiais, os quais serão apresentados, obrigatóriamente, com o cartão de sócio.

*

Além dos bilhetes especiais e dentro das possibilidades existentes, tendo em vista a percentagem de bilhetes que coube ao S. L. B., cada sócio poderá adquirir **uma Bancada e uma Cabeceira**, cuja venda é efectuada no mesmo local e nos dias e horas cima indicados.

Para o efeito de pagamento de quotas os respectivos cobradores encontram-se na Secretaria, nos dias 9, 10 e 12, das 21,30 ás 0 horas.

*

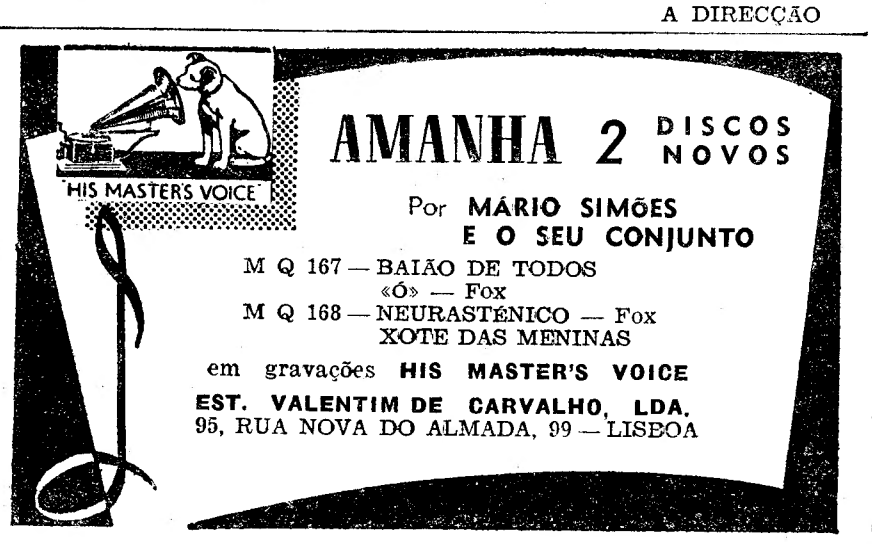
Os bilhetes para os Parques de estacionamento são vendidos na Secretaria do Clube a partir de 6.ª feira, das 11 ás 13 e das 15 ás 19,30.

*

Os bilhetes para a Imprensa, Rádio e Fotógrafos são entregues na Secretaria do Clube, nos dias 11 e 12, das 11 ás 13 e das 15 ás 19 horas.

Lisboa, 9 de Março de 1955.

A DIRECÇÃO



Horas trágicas

Vinte e seis mortos na queda de um avião

MÉXICO, 9.—Vinte e seis pessoas morreram num acidente de aviação, ocorrido no Estado de Jalisco, a Oeste do México. Um avião da Companhia Mexicana de Aviação despenhou-se no solo e incendiou-se pouco tempo depois de ter descolado do porto de Vallarta, no Pacífico.

A companhia informa que morreram os tripulantes e 22 passageiros, incluindo seis mulheres e duas crianças. — (F. P.).

38 mortos e 17 feridos num desastre de viação

SEUL, 9. — Um autocarro voltou-se e incendiou-se, perto de Chun Chon, a cerca de 70 km. a Nordeste de Seul.

Morreram queimados 38 passageiros e 17 ficaram gravemente feridos. Apenas se salvou o motorista, cuja imprudência motivou o trágico desastre.

Ontem, perto de Seul, dera-se outro acidente idêntico, no qual morreram 21 pessoas. — (F. P. e R.).

Segue amanhã para a India

o agrupamento «Estrelas de Portugal»

Parte, amanhã, ás 11 horas, com destino a Goa, o agrupamento «Estrelas de Portugal». A iniciativa pertence a Matias Palma, seu empresário, que não se poupou a esforços para levar a cabo tão interessante digressão artística. O sr. ministro da Defesa deu-lhe o seu patrocínio, pois, durante a sua presença em Goa, Damão e Diu, este agrupamento oferecerá ás tropas ali estacionadas, uma larga série de espectáculos, a que assistirão, igualmente, elementos civis.

Constituem o grupo «Estrelas de Portugal» alguns dos mais queridos nomes da rádio e dos espectáculos de variedades, tais como Silvia Maria, Tony de Matos, Maria Sidónio, Moniz Trindade, Mimi Lacerda, Ilda Artur, José Galvão, Manuela Arriegas, os acordionistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro; e o locutor-animador Marques Vidal.

Além destes artistas, fazem ainda parte da caravana Matias Palma e Mário Nobre.

Nem as pedras escapam !

AVEIRO, 8 — A P. S. P. desta cidade procura descobrir os autores do furto de parte do empedrado de um dos passeios da Rua das Silveiras (xadrez preto e branco), que os larápios levantaram.

DIARIO DE LISBOA

ENCICLOPÉDIA

Os orientais, ainda hoje, nos lugares mais atrasados servem-se apenas da colher para comer. Assim o fizeram Gregos e Romanos, para os liquidos, pois os sólidos comiam-nos com os dedos. Este uso perdurou durante a Idade Média e os tempos modernos—claro, havia regras de etiqueta...—até que apareceram, no séc. XIII os garfos que tanto demoraram a generalizar-se. De facto, em França, só apareceram no séc. XVI.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — O tempo em Portugal continental está sob a influência de uma massa de ar polar, transportada na circulação de depressão complexa com um dos nucleos centrado a Norte de Madrid e de um anti-ciclone centrado a Oeste da Irlanda.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu com nebulosidade variável, vento bonançoso a moderado de Noroeste, soprando, por vezes, com rajadas frescas. Aguaceiros. Continuação de tempo frio.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Danças; 18 e 30, Meia-Hora dos Estados Unidos da América; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 50, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Noticiário; 19 e 5, Canções; 19 e 20, Trechos em piano; 19 e 30, Concerto pelo Sexteto de Cegos; 20, Jornal Sonóro; 20 e 15, Orquestras de salão; 20 e 35, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 20 e 50, Três cançonetas de João Nobre; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Instrumentistas em voga; 21 e 30, 1.º quadro de «A Vida de Cristo»; 21 e 50, «Ouvindo as Estrelas»; 22 e 50, Vozes do Mundo; 23 e 10, Valsas; 23 e 20, Danças; 23 e 50. Junção dos emissores.

Programa «B»—Ás 19, Concerto sinfónico; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Continuação do concerto sinfónico; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Musica de arco; 21 e 30, «Sonho de Uma Noite de Verão»; 22 e 25, As «Variações de Goldeberg», de Bach; 23 e 15, Musica sinfónica; 23 e 50, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Musica de dança; 18 e 30, Trechos recreativos; 19, Fados e guitarradas; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Musica portuguesa; 20 e 40, Terras de Portugal; 21, Passatempo A P. A.; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 24, Fados e guitarradas; 0 e 30, Jely Roll's-Jazz; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

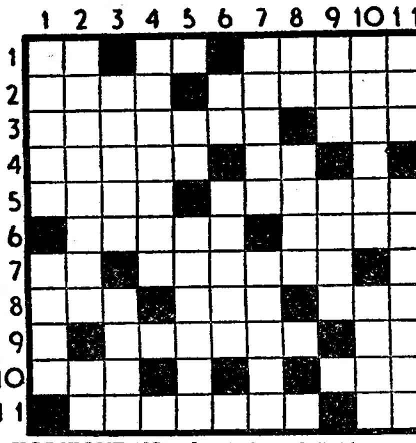
RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 22, Rádio Graça; das 22 á 1, Rádio Peninsular.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 109



HORIZONTAIS: 1—Artigo definido. Aqui. Patetas. 2—Cidade antiquissima de Itália. Enfeite. 3—Desenvolvem-se. Raer. 4—Ave africana da familia dos dentirrostros. Artigo definido. 5—Prefixo que designa meio. Incinerar. 6—Conta. Costura. 7—Antigo nome da nota musical dó. De ouro (pl.). 8—Lista. Imperfeitas. Criada de meninos. 9—Tolo. Preposição latina que designa direcção. 10—Preposição que indica exclusão. Nome de doze papas. 11—Monos. Simbolo quimico do ósmio.

VERTICAIS: 1—Avalias. Bois selvagens. 2—Cidade de Itália no golfo de Nápoles. Preposição. 3—Semelhante. Capital do Peru. 4—Arrendatária. 5—Simbolo quimico do césio. Pensa muito em. 6—Nota de musica. Cutis. 7—Receio. Inspiração. 8—Lingua antigamente falada a Sul do Loire. Enxuga. 9—Pátria. Rio de França. 10—Letra grega (pl.). Nome de um mês. 11—Ente. Humedecidos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 108

HORIZONTAIS: 1—Catre. Marta. 2—Alancear. Rs. 3—TAL. Ave. Vem. 4—Ao. É. O. DEMO. 5—Avô. Rales. 6—Acostumar. 7—Ática. Mar. 8—COMO. Ás. 9—Amã. SUA. Crê. 10—Mó. Descurei. 11—Asmes. Arias.

VERTICAIS: 1—Catão. Açama. 2—Alão. Atomos. 3—Tal. Acima. 4—Rn. Evoco. De. 5—Eça. Osa. Sés. 6—Evo. Sus! 7—MÃE. Rum. Aça. 8—Ar. Damão. Ur. 9—Velar. Cri. 10—Tremer. Área. 11—Asmos. Useis.

Provérbio: TAL É O DEMO COMO SUA MÃE.

A RECEITA DO DIA

FILETES DE LINGUADO Á INGLESA—Passam-se por manteiga quente, envolvem-se em pão ralado, passam-se por ovos batidos com uma colher de manteiga derretida, novamente por pão ralado—e grtlham-se. Servem-se com molho «á la maitre d'hotel».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efect.	Comp.	Vend
Fundos do Estado			
Consolid. 2 3/4 T. 10...	—	831$	833$
Consolid. 3 % T. 10...	902$	901$5	902$5
Consolid. 3 1/2 % T. 10	1.015$	1.014$	1.016$
Centenários 4 % 1940...	—	2.210$	2.220$
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	995$	1.000$
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	995$	1.000$
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	995$	—
Externo 1.ª série	—	1.350$	—
Externo 1.ª série car....	—	1.350$	1.355$
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car....	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.490$	—
Externo 3.ª série car....	1.490$	1.490$	1.495$
Caut. 3.ª série s/juro ...	—	—	187$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %...	—	—	520$
Norte de Portugal 5 %	110$	109$	110$
Gás e Electricid. 3 3/4%	—	970$	—
Gás e Electricid. 4 %...	—	990$	995$
Gás e Electricid. 4 1/2%	—	1.005$	1.010$
Gás e Electricid. 5 %...	1.030$	1.029$	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945 ...	—	95$	98$
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	95$	98$
U. E. P. 4 1/2 %	—	100$	101$
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	100$	—
U. E. P. 5 % 1952 ...	103$	102$	104$
Acções			
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial...	800$	798$	802$
Nacional...	—	—	—
Sagres...	—	—	—
Tagus...	—	—	—
Bancos			
Alentejo...	—	—	—
Angola	1.240$	1.237$	1.239$
Espirito Santo	—	9.500$	9.650$
Lisboa & Açores	—	2.900$	2.950$
Portugal	—	2.500$	—
Ultramarino..	980$	975$	980$
C.as diversas			
Aguas Lisboa 1934 ...	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 ...	—	—	—
Cimentos Tejo	—	490$	550$
Cimentos Leiria..	—	480$	510$
Crédito Predial...	51$	51$	51$2
Elect. das Beiras	1.580$	1.575$	1.585$
Gás e Electricidade ...	286$5	286$5	287$
H. Alto Alentejo	160$	160$	160$5
H. E. Cávado	—	1.550$	1.600$
H. E. Zêzere	—	1.500$	1.530$
Industrial Aliança... ...	425$	420$	428$
Portugal e Colónias.. ...	—	478$	485$
Nac. de Electricidade...	1.530$	1.530$	1.535$
Nac. Navegação..	—	—	1.570$
Col. Navegação..	720$	715$	725$
Port. de Pesca	—	1.475$	1.500$
Port. Tabacos	461$	461$	461$5
Tabacos de Portugal...	638$	635$	640$
União Elect. Port.... ...	269$	268$	269$
C.as ultramarinas			
Ag. Cassequel	2.215$	2.214$	2.216$
Ag. das Neves	—	1.700$	1.800$
Agricultura Colonial ...	—	1.060$	1.100$
Açucar de Angola... ...	—	—	—
Boror...	720$	715$	725$
Cabinda...	415$	412$	415$
Col. do Buzi	381$	381$	381$5
Ilha do Principe..	3.250$	3.240$	3.260$
Moçambique..	196$	196$	196$5
Zambézia..	244$5	244$	245$
Incomati...	4.100$	4.080$	—
Cádá	—	—	6.200$

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	77$00	78$00
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 a 2...	28$60	28$90
» de 5 a 20...	28$90	29$20
» de 50 a 1000...	28$90	29$20
Argentina	1$01	1$06
Bélgica	$57,5	$58,5
Brasil...	$36	$39
Congo Belga	$56	$57
Dinamarca	4$00	4$25
Espanha...	$65,5	$66,5
França	$07,75	$07,95
Holanda...	7$50	7$70
Inglaterra	77$25	78$25
Itália...	$04,45	$04,65
Marrocos...	$07,6	$07,8
Noruega	3$60	3$90
Suécia	5$20	5$50
Suiça	6$75	6$85
Uruguay...	8$70	9$20
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	264$00	274$00
Portugal—Barra..	33$40	33$90
» —Barra Fino...	33$70	34$20

J. BURNAY, LDA. Papéis de crédito Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

MÁS INTERPRETAÇÕES

— Mas tudo o que eu disse a tua mãe foi que ainda não fora dado o seu nome a nenhum furacão...

HÁ TRINTA ANOS

«Parece que não haverá, este ano, em Espanha, a chamada «Hora de Verão», tais foram os protestos que essa medida originou em todo o país no ano passado, e nós, que a restabelecemos por causa das relações ferroviárias entre os dois países, bem avisados andaremos esperando pela solução do Governo do país vizinho.»—dizia o «Diário de Lisboa» de 9 de Março de 1925, acrescentando: «A «Hora de Verão» existe em França por uma teimosia intransigente de Poincaré que para a fazer votar no Parlamento, teve de pôr a questão de confiança...».

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—Ás 22—«Para cada um sua verdade».
TRINDADE—Ás 21 e 45—«A casa dos vivos».
MONUMENTAL—Ás 21 e 45—«A Severa».
VARIEDADES—A's 20.30 e 22.45—«Mulheres há muitas»
MARIA VITORIA—As 20 e 30 e ás 22 e 45—«Ó Zé aperta o laço».
TIVOLI—«Málaga».
S. LUIS—«Migalha».
EDEN—«Os revoltados do Caine»
SÃO JORGE—«A planicie Vermelha».
POLITEAMA—«A carga dos fuzileiros».
IMPÉRIO—«O caso Maurizius».
MONUMENTAL—«A senda dos elefantes».
CONDES—«Sete anos de liceu».
ALVALADE—«Meu amor patinador».
CAPITOLIO—«Este homem é . rigoso».
ODEON e PALÁCIO—«No palco da vida».
OLIMPIA—«No fundo do mar Vermelho».
TERRASSE—«O apache branco».
JARDIM—«O prazer».
IDEAL—«O maior espectáculo do Mundo».
PROMOTORA—«Moulin rouge».
LIS—«Teodora».
RESTELO—«O bombeiro atómico».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel 780027; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35—Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Alentejo—Avenida da Igreja, 28-B,—Sítio de Alvalade—Tel. 777282; Campo Pequeno (Do)—Avenida da Republica, 58-B/C, Tel. 771661; Belmar—Avenida de Roma, 53, Tel. 776314; Onilda—Avenida João XXI, 13-A, Tel. 777848; Palma—Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª—Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus—Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso—Rua 27, 41—Bairro da Encarnação, 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição—Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Pereira, Suc.—Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 845124; Silva—Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Marluz—Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. 840703; Nobel—Rua Actor Vale, 53—junto á «Fonte Monumental», lado Sul, Tel. 842152; Candido Monteiro—Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Gois, Ld.ª, Suc.—Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª—Rua Braancamp, 58, Tel 43409; Salutar—Rua B, 75-A/B—Bairro da Liberdade—Tel. 53694; Judice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro—Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Linaida—Rua Ferreira Borges, 32-34, Tel. 66095; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—R. da Junqueira, 236, Tel 638193; Costa—Rua dos Lusiadas, 32, Tel. 636474; A. Cesar—Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro—Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc.—Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana—Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda—Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc.—Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Morão—Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289; Cortez—Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378.

FORÇA DO HÁBITO

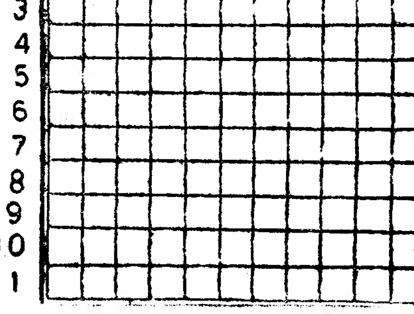
Um norte-americano visita Roma pela primeira vez e, ao sair do hotel, pergunta onde está a basilica de S. Pedro.

—Na Praça de S. Pedro.

—Em que numero?

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1152



HORIZONTAIS: 1—Centeio ceifado em verde para o gado. Grauda. 2—Antiga capital de Israel. 3—Batráquio. Remedeiam. Nome duma letra. 4—Escarneces. Seguiam. Pelos de certos animais. 5—Epocas geológicas. Vela triangular ou quadrangular içada de popa á proa. 6—Origens. Folhagem das plantas. 7—Duas estrelas do signo de Cancer. Divisão duma casa. 8 — Doença. Oceano. Unidade prática de resistência eléctrica. 9—Carta de jogar. Nome de um jogo. Preposição e artigo. 10—Caloiros. 11—Impugnará. Aliada.

VE7RTICAIS: 1—Economize. Amargo. 2 — Elegantes. 3—Reis. Nome dum peixe. Em o. 4 —Chefe abissínio. Nome de um astro. Mágoa. 5—Estimai. Adicionava. 6—Anual. Caruma. 7 —Sofrer. Ratazana. 8—Víscera. Pequena bigorna de aço sem pontas. Ruído. 9—Em partes iguais. Nome de um fruto. Nota musical. 10—Infame. 11—Inflamada. Vila do concelho do Seixal.

Solução do problema n.º 1151

HORIZONTAIS: 1—Boiar. Reata. 2—DL. Selvas. 3—Aceitam. Eça. 4—Tia. Egas. Ar. 5—Atra. Atem. 6—Aida. Alar. 7—Arum. Ases. 8—Os. Oleo. São. 9—Riu. Inocula. 10—Caniço. Ad. 11—Ameno. Clara.

VERTICAIS: 1—Beata. Corça. 2—Cita. Siam. 3—Idearia. Une. 4—Ali. Adro. In. 5—Te. Aulico. 6—Saga. Meno. 7—Remata. Oó. 8—El. Sela. Cal. 9—Ave. Massuda. 10—Taça. Real. 11—Asara. Soava.

Casino Estoril
TEL. 730
HOJE no **«WONDER-BAR»**
JANTARES ✱ CEIAS ✱ BAILE
Consumo minimo. 40$00. (Para adultos)
SABADO, 19
no «WONDER-BAR»
DUAS ESTREIAS
FRED KAPS
A grande atracção do «LIDO», de Paris
O Manipulador N.º 1 de 1954
e **SIMONE CLAIR**
Vedeta da canção francesa

A QUESTÃO DA FORMOSA

Os Estados Unidos opõem-se

à entrega de Quemoy e Matsu

— afirma o «leader» republicano

(Continuação da 1.ª página)

peitarão o tratado de defesa mutua sino-americano, que acaba de ser ratificado em Taipeh e prevê a participação dos Estados Unidos na defesa dos Pescadores e da Formosa. O segundo explica como se poderá exercer o critério presidencial. Este deverá ter em linha de conta a «flexibilidade» do sistema defensivo, estabelecido pelos Estados Unidos, desde o Sueste asiático até á Coreia, do preço que conviria pagar para defender as ilhas costeiras e, finalmente, do tratado sino-americano.

A China comunista não tirará mais conclusões do discurso de Foster Dulles do que tirou no passado sobre as verdadeiras intenções dos Estados Unidos.

No entanto, o secretário de Estado quis sublinhar os esforços dos países aliados e das Nações Unidas para encontrarem uma fórmula de paz para o Estreito da Formosa. Assim, exprimiu a esperança de que será possivel cessar fogo, apesar da aparente decisão de Pequim de conquistar a Formosa pela força.

Sobre estes pontos, Dulles aproximou-se, sensivelmente, da tese exposta por sir Anthony Eden, nos Comuns: uma solução imediata, é impossivel, visto que as condições prévias, para tal, não se deram ainda. Mas, se a China comunista renunciasse, ás suas reivindicações sobre a Formosa, póder-se-ia encontrar uma fórmula pacifica. E' evidente que a sorte das ilhas costeiras dependeria de uma tal solução.

Referindo-se á circunstancia de os Estados Unidos terem manifestado grande retraimento, no Extremo-Oriente, acentuou que não devia ser permitido a ninguém pensar que «o nosso amor á paz significa paz a qualquer preço». Dulles deu realce, no seu discurso, ás terriveis consequências militares para a China comunista, se precipitasse agressão armada aberta geral em face da ameaça dissuasora para a China comunista do poderio militar aliado, na Coreia, Formosa e Sueste da Asia, e da disposição dos Estados Unidos de empregarem a sua vasta força móvel, se forem desafiados.

Numa referência aparente a possivel uso de bombas atómicas tácticas se os comunistas chineses precipitassem guerra geral, Dulles disse: «Os Estados Unidos, em especial, dispõem de forças navais e aéreas equipadas agora com poderosas e novas armas de precisão».

«Devemos», se se oferecer a ocasião, tornar claro que estamos dispostos a manter-nos firmes e, se isso for necessário, enfrentar actos hostis com a maior força que possuimos»—disse Dulles.—(F. P. e R.).

Os comunistas preparam-se para o ataque a Quemoy e Matsu

TAIPEH, 9.—A China nacionalista reforçou as guarnições das ilhas de Quemoy e Matsu com cerca de 10.000 homens, evacuados, recentemente, das ilhas de Tachen e Nanchi—disseram, hoje, círculos nacionalistas geralmente de confiança.

Artilharia pesada e munições estão a ser transportadas á pressa para Matsu, pois os nacionalistas esperam que os comunistas chineses farão os seus primeiros ataques a essa ilha, na foz do rio Min, próximo de Foochow.

A agência noticiosa «Ta Tao», orgão oficial do Ministério do Interior nacionalista, disse, hoje, que os comunistas estavam a concentrar tropas em Foochow, capital da província de Fukien. Teriam requisitado residências, escolas e outros edifícios para alojar os soldados. Não houve hoje notícias de luta no Estreito da Formosa. Forças aéreas e navais nacionalistas limitaram a sua actividade a patrulhas

Funcionários nacionalistas recusaram-se a fazer comentários a notícias no jornal em língua inglesa de Taipeh «China News» de que generais americanos seriam nomeados vice-comandantes da Aviação e da Marinha nacionalistas. —(Reuter).

As declarações do senador Knowland

WASHINGTON, 9.—O senador William F. Knowland, republicano da Califórnia, declarou, hoje, que as ilhas Quemoy e Matsu não seriam saldadas» num negócio com os comunistas chineses, pois, em sua opinião, a perda destas ilhas «seria interpretada em toda a Asia como uma derrota do mundo livre e uma vitória comunista».

«Simplesmente, o facto não se produzirá»—acrescentou. Sabe-se que o «leader» da maioria republicana do Senado conversou, frequentemente, sobre o assunto com o presidente Eisenhower e Dulles.

Numa entrevista, o senador Knowland declarou:

1) «Não creio que os nacionalistas chineses evacuem, voluntariamente, Quemoy e Matsu».

2) «Não creio que o Governo dos Estados Unidos submeta, ou tenha submetido, os nacionalistas a qualquer pressão, nem sequer lhes tenha recomendado que evacuem aquelas ilhas».

3) «Estou convencido que os nacionalistas podem enfrentar qualquer ataque de pequena envergadura contra as ilhas».

4) «Qualquer iniciativa séria feita para as tomar e que pudesse terminar com êxito provocaria, tenho disso a certeza, uma oposição da nossa parte».—(F. P.).

Sessão tumultuosa

no Senado italiano

durante a discussão dos acordos de Paris

ROMA, 9 — A discussão, no Senado, dos acordos de Paris originou um violento incidente, com socos, entre senadores da extrema-esquerda, de um lado, e do centro e da direita, do outro. O presidente do Senado mandou chamar os continuos de reforço, que separaram os antagonistas, alguns dos quais ficaram bastante feridos.

Provocou o incidente um azedo protesto de Sereni (comunista), contra uma precedente declaração do general Messe, do grupo democrático-cristão, que o acusara de actividade hostil, durante a guerra, aos combatentes italianos.

A sessão foi suspensa, por uma hora, no meio de gritos e injurias. Os continuos, auxiliados pelos questores, tiveram dificuldade em conter os antagonistas que queriam recomeçar a luta e em fazer evacuar o hemiciclo. —(F. P.).

O chefe do Governo da Hungria

é acusado de malogro na política económica

LONDRES, 9. — O «Comité» Central do Partido dos Operários Hungaros (comunista) acusou o primeiro-ministro, Imre Nagy, de «enganar os operários com promessas demagógicas» e ordenou que a industria pesada tivesse prioridade sobre a produção de artigos de consumo.

Numa longa declaração, citada pela agência noticiosa hungara «M. T. I.», o «Comité» acusa Nagy, «outros camaradas nos Ministérios da Imprensa e desviacionistas das direitas» de criarem «indícios perturbadores» na situação politica e económica.

Foi Nagy que, em oposição aos planos de forte industrialização de Matyas Rakosi, secretário do Partido, iniciou a política do «caminho de Junho», em Junho de 1953, dando preferência á industria ligeira e produção de artigos de consumo. Nagy acusou Rakosi de «super-industrialização do país».

A declaração da noite passada do «Comité» diz que, «devido a crescente perigo das direitas», as forças económicas do país não tinham elevado os níveis de vida e não se firmavam em alicerces sólidos. «A missão essencial do nosso partido é isolar totalmente e liquidar, ideológicamente, essas opiniões prejudiciais das dircitas».

O «Comité» encarregou o «Bureau» Político da missão de preparar instruções permenorizadas para o segundo plano de cinco anos. Devia observar o princípio de prioridade da industria pesada, e desenvolvimento e modernização da agricultura e, por ultimo, a produção de artigos de consumo. «Hoje, o desenvolvimento normal da nossa economia nacional em base duradoura está ameaçado pela estagnação da nossa industria e o decréscimo da produção da nossa industria pesada» — acrescenta a declaração. — (R.).

Prevê-se o desaparecimento de Nagy da cena política

VIENA, 9.—O ataque de hoje a Nagy, sob a forma de uma resolução do «Comité» Central do Partido, redigida pelo secretário do Partido Rakesi, lança sobre ele as culpas da estagnação económica e faz prever o seu desaparecimento, por uma forma ou outra, da cena política.

Foi Nagy quem, em Junho de 1953, derrubou, de facto, o Governo chefiado por Rakesi, então primeiro-ministro e «patrão» do partido Acusou-o de dar grande incremento á industria pesada e realce exagerado á colectivização forçada das herdades e de não dar atenção suficiente aos artigos de consumo e á elevação do nível de vida. No seu programa de «novo curso», prometeu mais mantimentos, vestuário, artigos caseiros e todos os de utilidade para o homem da rua mais baratos e decretou que fossem reduzidos os investimentos na industria pesada.

Agora, Rakesi voltou o feitiço contra o feiticeiro. Que se saiba, nenhum chefe de um Estado comunista sobreviveu a ataque tão destruidor. Porém, observadores disseram que resta saber como Nagy será afastado da cena política.

O ataque ao primeiro-ministro, que se encontra doente, é considerado como a volta da maré na luta interna no Partido dos Operários Hungaros.

O principal adversário de Nagy, Matyas Rakosi, conquistou uma vitória retumbante e a derrota do primeiro-ministro poderá ser mortal —disseram hoje observadores de questões hungaras.

Em meados do mês passado, a Imprensa e rádio hungaras noticiaram que Nagy estava a sofrer de trombose coronária e não poderia regressar ao seu cargo antes de Abril.

A doença de Rakosi, pouco depois de Georgi Malenkov ter sido afastado da Presidência do Conselho russo, levou observadores a suspeitarem de que Nagy caíra em desgraça. A comunicação hungara de hoje transformou essa suspeita em convicção firme, mas não exclui ainda a possibilidade de Nagy poder estar gravemente doente. Todavia, considera-se como certo que ele não voltará a reassumir o seu cargo, mesmo que se restabeleça do ataque cardíaco.—(R.).

Faure procura estabelecer

uma base de entendimento

entre o Governo e a oposição

antes do debate sobre os acordos de Paris

PARIS, 9. — A assembleia Nacional adoptou, por 367 votos (a maioria de investidura de Edgar Faure menos 2 sufrágios) contra 223, em 590 votantes, as propostas do Governo para a revalorização dos vencimentos dos funcionários.

Respondendo, assim, ao apelo do chefe do Governo, os deputados admitiram que o actual Gabinete fez tudo que lhe era possível a favor da função publica. Chegou a pensar-se que o presidente do Conselho seria, talvez, obrigado a pôr a questão de confiança mas não foi preciso, pois a própria Assembleia solucionou o litígio entre o Governo e a comissão das Finanças, que, primitivamente, julgou insuficiente o aumento consentido por Pflimlin, ministro das Finanças.

No entanto, Edgar Faure foi, no fim do debate, obrigado a anunciar, de maneira implícita, que a existencia do Governo seria posta em causa se os artigos em litígio não fossem separados. O Governo triunfou, fácilmente, pois as suas propostas foram tomadas em consideração.

O conselho de ministros reuniu-se esta manhã, no Eliseu, sob a presidência de René Coty, com uma ordem de trabalhos consagrada, na maior parte, a uma exposição de politica externa, por Antoine Pinay, sobre a questão sarrense. Os ministros procurarão definir, claramente, as garantias já dadas á França por Londres e Washington, relativamente á manutenção do estatuto especial do Sarre até á assinatura do tratado de paz. Esta posição oficial servirá de tema á exposição geral que deve ser feita na comissão senatorial dos Estrangeiros por Pinay.

No Conselho da Republica, onde a atmosfera parecia melhorar, sensivelmente, antes da discussão dos acordos de Paris, a Comissão da Defesa Nacional terminará o estudo dos textos opostos.

Os observadores notaram que Antoine Pinay, que almoçou, ontem, com Gaston Monnerville, presidente do Conselho da Republica, conversou, também, demoradamente, com Michel Debre, republicano social. Uma base de entendimento poderia surgir entre o Governo e os opositores do projecto em virtude destas conversações. — (F. P.).

Começaram as convenções franco-sarrenses

PARIS, 9. — Começaram as negociações franco-sarrenses, para a conclusão da convenção de cooperação económica, prevista pelos acordos franco-alemães de 23 de Outubro ultimo. — (F. P.).

Vão recomeçar as negociações com a Tunisia

PARIS, 9.—O conselho de ministros decidiu que as negociações franco-tunisianas recomecem em 15 de Março. —(France Presse).

Os partidários de Bevan

defendem a sua posição

LONDRES, 9.—Os deputados trabalhistas partidários de Aneurin Bevan, «leader» da esquerda do Partido, que se reuniram, durante a noite, na Camara dos Comuns, decidiram enviar a Clement Attlee uma petição solicitando aos dirigentes do Partido que reconsiderem na sanção em projecto contra o chefe da ala esquerda trabalhista.

Bevan continua de cama, com a gripe, e fez saber, por sua mulher, que «lamenta muito, mas, esta semana, não pode ocupar-se de nada».—(F. P.).

Protesto britanico contra o ataque a navios mercantes

TAIPEH, 9 — Alexander Hermann, cônsul-geral da Grã-Bretanha na Formosa, entregou ao Governo nacionalista uma nota de protesto contra o bombardeamento, na segunda-feira passada, de dois cargueiros britanicos pela Marinha nacionalista. — (F. P.).

Parece que Eisenhower

não se candidatará à reeleição

NOVA YORK, 9.—O presidente nacional democrático, Paul Butler, disse, na noite passada, não julgar que o presidente Eisenhower pretendesse ser reeleito, em 1956.

«Especialmente por uma situação pessoal na casa de Eisenhower, julgo que ele não será candidato»—disse Butler, numa conferência de Imprensa. Não deu mais pormenores.—(R.).

Em toda a parte, desde 1924
Laminas Suecas para barbear
Esc. 1$50
«SWING» 40
de aço INOXIDAVEL
Brevemente:
«SWING» Economic em aço vulgar
(azul) 75 centavos

RESTAURANTE CASTANHEIRA
Telefone 779168 — LUMIAR
AOS DOMINGOS: Almoços e Jantares abrilhantados pela «ORQUESTRA RIVIERA»
SABADO: 12: BAILE DE MI-CARÊME
Serviço especial de mesa para este dia
Aceitam-se marcações de mesas
Todas as salas têm aquecimento

Todas as classes:
Marinha, Exército, engenheiros, médicos, advogados, etc. preferem a CASA QUINTÃO para a escolha dos seus tapetes, carpetes e alcatifas.
QUINTÃO foi sempre uma casa especializada nestes artigos.
30 — RUA IVENS

AÇÔRDA DE SÁVEL
Um prato regional do «Ribatejano»
Salvaterra de Magos — Tel. 14